

Jornal da Unicamp

Campinas, 17 a 23 de março de 2003 – ANO XVII – Nº 206 – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Foto: Reprodução

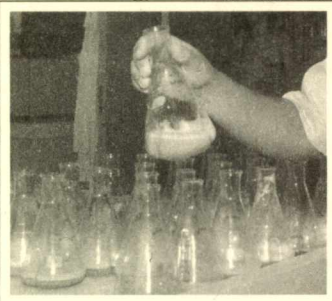


PALMOLIVE-
O Sabonete da Juventude torna a cútis aveludada como pétala de rosa...

Coleção Ibope mostra como se levava a vida há mais de meio século

Uma pesquisa de opinião pública de 1942, apontando as preferências dos paulistanos em relação a produtos de higiene, beleza, alimentação e farmacêuticos, abre a Coleção Ibope doada pelo instituto ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da Unicamp. É um acervo riquíssimo à disposição dos estudiosos da história política e cultural do Brasil. O Jornal da Unicamp inicia uma série de reportagens com as pesquisas que mais chamam a atenção nos primeiros dez anos de levantamentos do Ibope, incluindo temas que extrapolam os interesses de mercado, como comportamento, saúde, educação e guerra fria. **Páginas 6 e 7**

Foto: Neldo Cantanti



Bons para o organismo

FEA anuncia avanços na obtenção de oligossacarídeos a partir da sacarose, para uso em iogurtes, bolachas e outros alimentos funcionais

Página 9

Foto: Neldo Cantanti



Multiplicar flores é bom negócio

Conhecimento de clonagem de plantas e financiamento de órgãos de fomento permitem a pesquisadora disputar o difícil mercado das flores

Página 10

Foto: Reprodução



Melodias que ecoam do sertão

Mestrando do Instituto de Artes resgata história da Banda de Pífanos de Caruaru, antes que músicos e obra acabem no esquecimento

Página 12

Voluntariado, movimento em expansão na Unicamp

Pelo menos vinte grupos organizados – formados por professores, alunos e funcionários voluntários –, desenvolvem os mais variados projetos junto à população, da alfabetização de adultos e eventos culturais para crianças carentes, até atividades recreativas para pacientes em hospitais e assistência a pequenos agricultores. Para esta edição, foram ouvidas pessoas integradas em programas sociais e outras que são beneficiadas por esse movimento pela cidadania. **Páginas 4 e 5**

Foto: Antoninho Perri



Estudantes voluntários da Unicamp com produtor de figos da região: parceria importante para aumentar a produção

Comentário

A ação dos voluntários

EUSTÁQUIO GOMES
eusta@unicamp.br

A vastidão de responsabilidades que envolve a comunidade de alunos da Unicamp, o lufa-lufa das aulas, o corre-corre em direção a bibliotecas, laboratórios, enfim a uma agenda de compromissos nem sempre amena, pouco deixam entrever a ação livre e freqüentemente silenciosa que muitos deles exercem, com ou sem ajuda institucional, junto a comunidades da cidade.

O *Jornal da Unicamp* relaciona nesta edição oito grupos de estudantes que se auto-organizaram para fazer voluntariado em suas horas livres. Seus campos de interesse vão da revitalização de sociedades de bairro ao levantamento sócio-econômico de áreas urbanas e rurais, de atividades de arte-educação à organização de cooperativas, do trabalho comunitário com moradores de rua à difusão do conhecimento científico, da realização de espetáculos em hospitais e escolas à alfabetização de adultos. E por aí afora.

Do ponto de vista acadêmico, essas atividades podem ser tomadas como um complemento da formação de cada estudante-voluntário, num plano semelhante, por exemplo, com os que estão envolvidos com a iniciação científica ou com as empresas juniores. Mas, no plano da realização humana, os jovens voluntários da Unicamp vão além: eles tratam de construir cidadania e de valorizar cidadãos, cobrindo lacunas não preenchidas pelo Estado e pelo poder público em geral.

Os grupos existentes na Unicamp são seguramente em maior número dos que aqui são apresentados e seu leque de atividades é muito mais amplo. Mais do que um fenômeno de época — e a palavra “voluntariado” entrou definitivamente na agenda da sociedade civil brasileira — a variedade de iniciativas e a seriedade das ações mostram a qualidade do aluno da Unicamp e sua condição de agente transformador da sociedade, não só no futuro como já no presente.

Artigo

A “refundação” da Política de C&T: um compromisso da esquerda

RENATO DAGNINO

Ao ocupar uma porção do Estado de um país capitalista dependente, a esquerda brasileira chama para si o compromisso de alterar o rumo de políticas públicas que têm favorecido as elites.

Para melhor aproveitar nosso potencial de geração e difusão de conhecimento pela sociedade, ela deve concentrar-se numa parte do que tenho chamado complexo de C&T (em substituição ao neologismo neoschumpeteriano de “sistema nacional de inovação” ou, para quem ainda se lembra, à denominação a este precursora de “SNDCT”).

Privilegiar o “subcomplexo” das instituições públicas ligadas ao ensino superior e à pesquisa é uma opção tática. Recomendamos-na, além de sua governabilidade a ele se limitar, razões ligadas ao seu peso relativo e ao seu poder difusor e indutor, inclusive, de uma cultura “refundada” à parte privada do complexo de C&T.

Para fazê-lo, a comunidade de pesquisa de esquerda deve ter em conta as causas, de natureza estrutural, institucional e metodológica, do baixo impacto econômico e social desse complexo; essas, sim, podem ser modelizados como um “sistema” capaz de representá-lo. São assimiláveis a variáveis submetidas a relações de causalidade sistêmicas, retroalimentadas, e sustentadas por outras que, embora relativas a um contexto (sócio-econômico-político) que engloba o “subcomplexo”, devem ser consideradas como variáveis-exógenas-do modelo; uma vez que também explicam sua trajetória passada e condicionam seu futuro.

Um modelo descritivo (para diagnosticar) e normativo para atuar sobre esse “subcomplexo” é uma condição para sua missão de “refundar” a Política de C&T (PCT).

As causas de natureza **estrutural** (variáveis exógenas do modelo) derivam do regime de acumulação e da formação sócio-cultural do País, determinam os dois outros conjuntos de causas, e estão fora da governabilidade. Um conceito chave e síntese - nossa condição periférica — que abarca desde a forma com fomas colonizados e a inexistência de um empresariado capaz de liderar uma revolução democrático-burguesa nacionalista e anti-imperialista para converter-se em inovador, até a concentração de renda, riqueza e poder político, passando pelo predomínio das multinacionais nos setores tecnologicamente mais intensivos é adequado para referi-las.

As causas de natureza **institucional** são associadas às anteriores. Aqui o conceito-chave é o que temos denominado “modelo institucional ofertista linear” da PCT. Adotado acriticamente no pós-guerra em função de uma “transdução” típica de nossa condição periférica, ele remonta ao mito da neutralidade - herdo do Iluminismo e da inexorabilidade do avanço da C&T - e à concepção do determinismo tecnológico - positivista e lamentavelmente tida como marxista.

Atuando “pelo lado da oferta”, ao paupar nossa escassa comunidade de pesquisa pela auto-imposição de critérios exógenos de aferição da “qualidade” e pela sujeição voluntária ao efeito demonstração do padrão “universal” da pesquisa dos países avançados, ele torna ainda mais difícil captar o sinal de relevância que emite a nossa sociedade e que

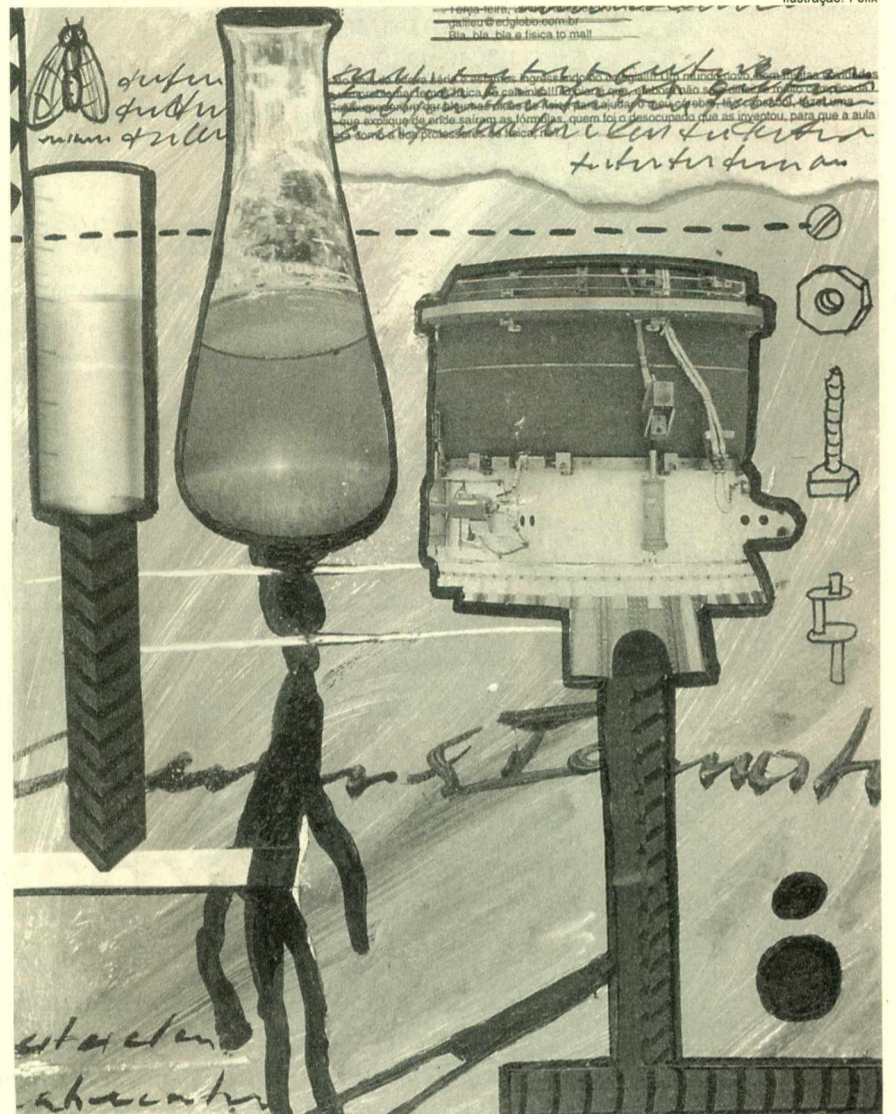


Ilustração: Félix

as causas estruturais, pelo “lado da demanda”, mantém fraco.

A relação sistêmica entre as duas causas anteriores do baixo impacto econômico e social daquele “subcomplexo” originou as de natureza **metodológica**. O que alguns chamam de *laissez faire* (mas que é melhor denotado pelo conceito-síntese dos *policy analysts*, de *nondecision-making*) tem inibido a concepção e utilização de metodologias apropriadas para a decisão racional, prospectiva, transparente e participativa acerca da priorização de linhas e grupos de pesquisa, instituições, modalidades de fomento, instrumentos de política etc.

A antipatia em relação a elas, ainda que justificável no âmbito dos países avançados onde a “estratégia” *follow the leader* é suficiente como normativa de PCT, não deveria ter contaminado nossa comunidade de pesquisa periférica a ponto de fazer com que sua não aplicação realimentasse as causas institucionais.

Se a bandeira da esquerda, de promover um estilo de desenvolvimento econômico e ambientalmente sustentável para todos se mantiver hasteada, e se as demandas por conhecimento que dele decorrem e alavancam vierem a ser atendidas, é de se esperar corajosas alterações no plano institucional da C&T. Inclusive, para antecipar o cenário em que a remoção das causas estruturais será politicamente viável.

É possível explorar o grau de autonomia das causas institucionais em relação às estruturais mediante ações *top down*, e tópicas, no plano institucional. Mas para que surtam efeito é necessário que

um movimento *bottom up*, difuso e envolvente, apoiado em novas metodologias de trabalho, as reforce e legitime.

Quem conhece a força do Modelo Incremental que tem presidido nossa PCT - caracterizado pelo ajuste mútuo de partidários em benefício da manutenção do *status quo* e de privilégios corporativos, controle da agenda de decisão a temas “seguros”, *non decision-making*, “enlaces burocráticos”, transdução de prestígio acadêmico em poder político, *continuum* formulação-implementação, restrição do acesso de atores ao processo decisório, “privatização” de espaços públicos de decisão, supervalorização da discricionariedade do profissional em detrimento da racionalidade do burocrata, escassa preocupação com *assessment* e *forecasting*, avaliação ritualística (através de critérios exógenos e *ex post*), ao invés de indutora de mudanças, etc - pode inferir a importância da articulação institucional-metodológica que aqui se propõe para “refundar” a PCT.

É por essas razões que a comunidade de pesquisa de esquerda terá que realizar um movimento “para dentro” do “subcomplexo” sobre o qual possui governabilidade — tão ou mais importante do que aqueles que envolvem outros espaços e atores. Um movimento que abarque uma reflexão acerca das causas do baixo impacto do nosso potencial de P&D e a concepção de metodologias para a sua ampliação numa direção coerente com seu projeto estratégico.

Renato Dagnino é professor titular do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge.
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva.
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho.
Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa.
Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. Fax (0xx19) 3788-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. E-mail imprensa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Clayton Levy. **Editor** Alvaro Kassab. **Redatores** Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Dário Mendes Crispim. **Ilustração** Félix. **Arquivo** Antonio Scarpineti. **Serviços Técnicos** Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Impressão** ArtPrinter Gráficos & Editores (0xx11) 6947-2177. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assineju

‘É preciso dar voz ao paciente para que ele ajude a se curar, ao invés de apenas medicá-lo’

Mal do pânico sob nova abordagem

Foto: Reprodução



Tristeza de bebê

Mamãe gemia! Meu pai, só soluços.
Neste mundo de perigo pulei eu:
Desamparado, nu, vagia de bruços:
Tal um diabo oculto nas nuvens do céu.

Debatendo-me nas mãos de meu genitor:
Lutando contra minhas fraldas tacanhas:
Prisioneiro, esgotado, achei melhor
no colo de minha mãe fazer manhas.

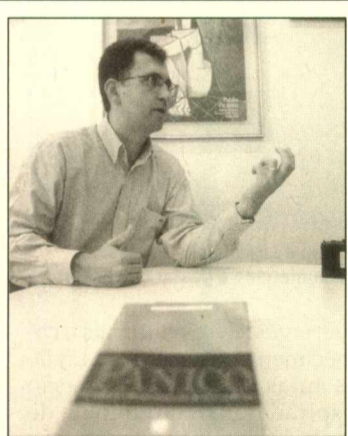
William Blake



Psicoterapia apresenta resultados promissores

Foto: Antoninho Perri

A psicoterapia – combinada com a medicação – é decisiva para detectar a subjetividade do sintoma e avaliar os elementos modificados na personalidade do indivíduo: “Ele precisa se colocar forma diferente em seu novo mundo, contextualizar o terror em sua vida”, afirma Mário Eduardo Costa Pereira. Sua experiência indica que a psicoterapia pode livrar o paciente dos medicamentos, fazendo com que supere a dimensão neurótica do transtorno. “Os resultados são promissores. A pessoa consegue se reciclar e o que era desesperador passa a ser tolerável: ‘a vida é assim mesmo, vou morrer um dia...’. Obviamente, estou resumindo algo muito mais complexo e que traz outros elementos muito importantes como a sexualidade e a relação do sujeito com a morte e a finitude da vida”, ressalva.



Mário Eduardo Costa Pereira, professor da FCM e autor de *Pânico e Desamparo* (capa reproduzida acima): quatro anos de doutorado em Paris para avaliar o transtorno pela perspectiva do paciente

Os estudiosos consideram razoável estimar a incidência do transtorno de pânico em 1,6% da população. O professor recorda que, há poucas décadas, via-se na sociedade uma relação entre pessoas que ofe-

recia certa segurança: os pais que viviam próximos, os parentes que torciam e rezavam, o vizinho que acudia. “À medida que o capitalismo vai evoluindo, vemos uma sociedade cada vez mais individualista, competitiva, onde o sujeito depende exclusivamente de sua performance e não tem tempo para o outro. Nesse contexto mundano, chama atenção a explosão do fenômeno do pânico, um transtorno que se relaciona com a vivência de desamparo e de falta de garantias”, ressalta o psicanalista.

Em seu livro *Pânico e Desamparo*, Costa Pereira escreve que o indivíduo em pânico experimenta um “estar morrendo” sem fim, pois a questão para ele é menos a morte e mais o morrer. “O pânico, apesar de sua aparência mortífera, ainda se situa como um esforço da vida pela vida”, afirma. De acordo com o psicanalista, esses pacientes são mais sensíveis que o comum dos homens quanto à real fugacidade da vida e à condição de desamparo da existência humana, a ponto de nos perguntar: “Por que vocês não entram em pânico diante da revelação de uma verdade tão terrível?”.

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Subitamente a pessoa se vê dominada por extrema angústia, uma sensação de morte iminente, parece estar enlouquecendo. Sente palpitações intensas, falta de ar, tonturas, vertigens, secura na boca, calafrios, formigamentos pelo corpo. Tem impressão de que vai perder o equilíbrio, mas assim mesmo quer sair correndo e fazer alguma coisa, sem saber o que. E a crise, embora passe em minutos, deixa uma terrível sensação de insegurança, o medo de morrer e uma profunda e desconsolada tristeza.

A síndrome do pânico foi descrita oficialmente em 1980. Desde então se sucedem os estudos sobre as bases neurobiológicas e neuroquímicas do fenômeno, somando conhecimentos na parte orgânica e medicamentosa que levam a programas de tratamento mais eficazes. Um grupo de pesquisa da Unicamp, criado em 1984, contribuiu com experiências em medicação pelo menos no início de suas atividades. Integra a equipe o ainda médico residente Mário Eduardo Costa Pereira, que depois enveredaria por outro caminho, teorizando em cima dos casos clínicos para atenuar o tom científico e, como ressalta, dar voz ao doente.

“Nossa abordagem do pânico não é genética, nem neurobiológica, e sim psicopatológica, no sentido de escutarmos o paciente para saber como ele vivencia o transtorno e organiza sua vida, e que tipo de consideração emocional, afetiva ou conflitiva encontra-se em jogo no desencadeamento da crise”, explica o psiquiatra e psicanalista. Encorajado a estudar a síndrome sob esta perspectiva, ele fez quatro anos de doutorado pela Universidade Paris VII, tese que resultou no livro *Pânico e Desamparo*, publicado em 1999 pela Editora Escuta (é autor também de *Contribuição à Psicologia dos Ataques de Pânico*, Lemos Editorial, 1997).

“As pesquisas experimentais e psicofarmacológicas são indispensáveis porque remédios aliviam o sintoma, que é muito desesperador e incapacitante. Nessas pesquisas, porém, a palavra que se dá ao paciente relaciona-se às perguntas que o médico quer fazer: ‘quantas crises teve hoje?, classificaria a crise como moderada, intensa, muito intensa?...’. O médico coloca sua grade no discurso do paciente”, observa Costa Pereira, hoje no Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM).

Segundo o professor, o problema do pânico é exemplar de uma questão mais abrangente, a ideologização da abordagem neurobiológica: “Temos aí um reducionismo explicativo, onde o cientista reduz o conjunto da explicação de um fenômeno exclusivamente à sua própria maneira de ver. Não se trata do reducionismo metodológico ao qual toda a ciência está submetida, mas de um reducionismo na forma de conceber e explicar aquilo que se estuda. O problema psicopatológico é reduzido ao genoma do paciente, à serotonina [neurotransmissor envolvido no controle das emoções]”,

comenta.

O psicanalista acrescenta que é como se não houvesse a história, o social, a cultura, a economia, o simbólico, o sujeito e o mundo organizado a partir do ponto de vista deste. “Não se trata de desqualificar a pesquisa experimental, mas de lidar melhor com um fenômeno que talvez seja o mais complexo existente: aquele em que a pessoa sofre de ansiedade, depressão, angústia. É de sofrimento humano que estamos tratando”.

Desamparo – Costa Pereira afirma que um aspecto fundamental na psicopatologia do pânico é a relação do sujeito com o próprio desamparo. “Faz parte da existência de todos conviver com certa dimensão de falta de garantias. No limite, nem eu nem você temos certeza absoluta de

Remédio alivia, mas psicoterapia é decisiva para a cura do pânico

que seguiremos vivos depois desta porta, mas continuamos trabalhando, levando nosso dia-a-dia e incorporando os riscos de alguma forma”, observa. O portador da síndrome, explica o professor, consegue manter uma vida estável, mas desde

que seja sustentado por alguém ou algo concreto. “Se um dia ele perde aquela pessoa próxima, seu mundo desaba”.

Pereira lembra um caso clínico, em que o paciente levava uma vida profissional consistente, dentro da empresa familiar bem sucedida graças à iniciativa e suor do pai. Jamais questionou se a empresa poderia falir ou se deixaria de viver sob o manto protetor paterno. “Certa manhã o irmão sofre um infarto e, à noite, ele tem a primeira crise de pânico. A lógica motivadora da crise seria o temor de que seu coração também falhasse. O raciocínio dele, porém, é outro: ‘se aconteceu com meu irmão, imagine com meu pai na idade que tem’. Ao constatar o risco de ficar desamparado, sua reação foi de desespero, entrando, em seguida, em pânico”.

Medicamento – Duas décadas atrás, era comum encontrar pessoas que sofriam crises de pânico havia dez e até trinta anos. Tinham agorafobia e outras seqüelas, não saíam de casa e por isso perderam o emprego. “Hoje o paciente se autodiagnostica, sabe o que o atormenta. O transtorno já é bem conhecido e poucos ainda não testemunharam um caso na família ou no trabalho”, compara Mário Costa Pereira. O problema, de acordo com o especialista, está na postura do paciente em meio à cultura marcada pela idealização das neurociências. “Ele vem atrás de remédio. Toda a fé perdida quando o mundo desabou é depositada no medicamento que permite reorganizar sua vida. A pessoa não se coloca em questão, não admite que algo pode estar errado com ela”.

Como as drogas realmente são eficazes no controle das crises, surge outro inconveniente: “Tendo alívio garantido, o paciente não quer parar de tomá-las; quando pára, sai sempre com um comprimido no bolso, é um hipocondríaco. Ao depositar todas as fichas na autoridade do médico e no medicamento, o sujeito que sofria de pânico torna-se, em longo prazo, um neurótico sem crise”.

Nas classes da Unicamp eles são alunos; no mundo do voluntariado, professores

Mestres em cidadania

PERSONAGENS

"Nas primeiras aulas, eu não sabia nada de nada. Hoje já sei ler um monte de coisas e também escrever",



lembra dona Josefa, uma espécie de "mascote" do Movimento Abrindo Portas (MAP). Mulher risonha e extrovertida, já lê livrinhos de histórias infantis "desde que não sejam muito grossos". Até os 10 anos, as interrupções nos estudos eram frequentes. "Entrava e saía", conta. Por um longo tempo, dona Josefa nunca mais pisou numa escola, até que há três anos retomou o antigo sonho e começou a frequentar o MAP. "O que eu não aprecio muito é que eles [os professores] dão coisas que às vezes a gente não quer saber; coisas que acontecem no estrangeiro. Prefiro ler coisas que falem do nosso país", diz.

Dona Josefa admite que os serviços domésticos tomam quase todo o seu tempo, mas quando pode pega lápis e papel e tenta, com gestos lentos e infantis, desenvolver uma pequena redação, que ela chama de "história". Num caderno de lição de casa, escreveu: "Os outros pássaros vieram em bandos e tentaram socorrê-lo, mas não puderam fazer nada, lamentaram a perda da mais bela música até então ouvida. Agora, quando a floresta está triste, todos sabem que é porque iurutaiú está cantando". Tal pássaro que não existe. Mas está lá na sua imaginação, que agora já expressa por meio da escrita.

Ponto-e-vírgula

Maria Ribeiro de Oliveira, 70 anos, mãe de cinco filhos, residiu em Rio Branco, no Acre. Aos 10 anos, frequentou a



escola por curto período e, aos 58, fez novas incursões, mas depois nunca mais tocou num lápis. Bem articulada e boa de prosa, dona Maria voltou a estudar por sugestão de dona Josefa, quando fazia ginástica no salão da Igreja de Santana. Comprou lápis, caderno, caneta e borracha e, dias depois, lá estava a dona-de-casa na carteira, pronta para aprender.

Dona Maria agora se diverte lendo placas com nomes de ruas, rótulos de embalagens e títulos de reportagens de jornais. Mas gosta mesmo é de história do Brasil e até possui alguns livros sobre o assunto. Prefere ler porque escrever não é o seu forte. "Meu problema mesmo é a pontuação: nunca sei quando devo pôr vírgula, ponto-e-vírgula ou dois pontos. Só sei do ponto final", confessa.

O sagrado

Sobre a mesa da casa de Helena Conceição Castilho Tonello, a Bíblia Sagrada. Ela gosta de ler as mensa-



gens sagradas quando não está às voltas com a vida doméstica. Dá graças aos professores que lhe permitiram entender melhor o que diz o Livro Sagrado. Mas diz que tem boa cabeça para fazer contas. "Tenho até certa rapidez com as contas de somar e dividir. Agora, leitura e escrita não são coisas que me agradam muito, não". Quando escreve, sempre deixa faltar alguma letra. Outras vezes, fica na dúvida entre usar "s" ou "z". Detalhe quase insignificante para quem está concretizando um sonho escrito com 'esse' maiúsculo.

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br
ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br
RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Para Josefa Maria da Silva, juntar letrinhas, compor palavras e frases e depois ler o que foi escrito nunca passou de um sonho. Aos 77 anos, mãe de sete filhos, esta alagoana de Palmeiras dos Índios está prestes a transformar o que antes era uma idéia vã em realidade. Dona Josefa integra o grupo de alunos que frequen-

Pelo menos 20 grupos de professores e alunos atuam em projetos comunitários

ta os cursos de alfabetização ministrados por alunos da Unicamp. "Dentro de pouco tempo, quero mandar cartas para parentes e amigos, coisa que eu sempre quis e nunca consegui", afirma ela, com o entusiasmo próprio daqueles que tomam gosto pelas descobertas.

O esforço para apresentar dona Josefa e seus colegas de classe ao maravilhoso mundo da escrita e da leitura é uma das muitas ações voluntárias executadas pelos estudantes da Universidade junto à comunidade. Os trabalhos vão da oficina de artes plásticas junto a crianças carentes ao compartilhamento de experiências de organização rural com pequenos produtores agrícolas. Todos, porém, convergem para um mesmo objetivo: a promoção da cidadania.

As atividades desenvolvidas por calouros e veteranos têm um largo alcance social, como reconhecem os beneficiários e os próprios voluntários. Seria difícil, porém, traduzi-las em números frios e exatos. Uma das razões dessa dificuldade está na gênese do trabalho. Por não exigir qualquer tipo de gratificação, além da satisfação por estar contribuindo para a criação de uma sociedade menos desigual, os estudantes normalmente não fazem marketing de suas ações. Alguns calculam que existam, hoje, cerca de 20 grupos atuando nas mais diversas áreas. "Mas esse número pode ser maior, uma vez que alguns grupos sequer se conhecem", afirma o professor Sandro Tonso, do Centro Superior de Educação Tecnológica (Ceset), que tem coordenado várias atividades de extensão comunitária.

Tonso destaca que já são dados passos importantes para melhor interação entre as equipes. Em 2002, um Congresso de Extensão possibilitou aos "agentes comunitários" trocar experiências. Além disso, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) promove periodicamente reuniões entre os grupos. "O esforço é para sistematizar as ações. Acredito que as discussões estão amadurecendo", opina.

Os ganhos proporcionados são amplos e significativos. "Ganha o público alvo do trabalho, porque passa a ter o seu universo de conhecimento ampliado. Ganham os alunos, que alcançam uma formação que não encontrariam normalmente nas disciplinas formais. Por fim, ganha a cidadania, pois fica estabelecido um diálogo rico entre



Alunos da Unicamp no trabalho de alfabetização de adultos: incluindo quem não pôde estudar no universo da leitura

culturas diferentes, que são a popular e a científica", analisa o professor.

Sandro Tonso considera que instituições como a Unicamp são muito competentes na produção de conhecimento, mas que o mesmo ainda não

ocorre quando se trata da produção em parceria com a sociedade. "Uma parte importante do saber nasce dessa interação", diz. As atividades comunitárias dos estudantes não implicam em nota, mas podem resultar em créditos

acadêmicos e, em alguns casos, em concessão de bolsas. "Mas existe um movimento nacional em favor da flexibilização curricular para incluir a disciplina Trabalho Comunitário na grade da graduação", informa.

Adultos aprendem mais que rudimentos da escrita

O Movimento Abrindo Portas (MAP), que atua no distrito de Barão Geraldo, onde a Universidade está localizada, é formado por estudantes das mais diversas áreas. Sua tarefa é alfabetizar jovens, adultos e idosos. Atualmente, mantém duas turmas: uma no período da manhã, no salão paroquial da Igreja de Santana; e outra à noite, na Moradia Estudantil. São 22 "aprendizes", com idade entre 15 e 83 anos.

Francisco Carneiro de Filippo, formado em economia pela Unicamp, é um dos doze professores do MAP. Segundo ele, a alfabetização dessas pessoas precisa ir além dos rudimentos da escrita e leitura. "Para alunos com esse perfil, constatamos que apenas conhecer as letras e formar palavras não corresponde às suas necessidades, nem às suas potencialidades como leitores, trabalhadores e cidadãos. Também temos que ajudar a desenvolver o espírito crítico e a capacidade de reflexão e de exposição de opiniões, de modo a estimulá-los a transformar o meio social em que vivem", afirma.

A alfabetização no MAP está fundamentada no método do educador Paulo Freire (1921-1997), cuja meta, além de ensinar a ler e escrever, é desenvolver uma visão crítica da sociedade a partir do uso de palavras e temas ligados à realidade do aluno. Nas classes há alunos de níveis diferentes. Existem os que já sabem ler e escrever, mas pre-

cisam melhorar a escrita ou ler com um pouco mais de velocidade. E os que estão no início do aprendizado, com os quais os professores trabalham menos a temática e mais o processo de alfabetização propriamente dito. "Procuramos evitar textos para decorar. Quando eles começam a associar as letras e formar sílabas, ao invés de treinarmos a escrita via ditado, preferimos usar as manchetes de jornais ou outras ferramentas do dia-a-dia, como a leitura de rótulos de embalagens", explica Filippo.

Cursinho – Lígia Lopes Gomes, estudante do 4º ano de Ciências Sociais, e Paulo Roberto Jansen, do 3º ano de Matemática, são os responsáveis pelo cursinho Vivência Educacional de Jovens e Adultos (Veja). Eles explicam que há autonomia por parte dos educadores em relação à técnica e aos métodos de ensino aplicados. "Cada professor tenta desenvolver seu método. É lógico que, antes de tudo, ele precisa conhecer bem a matéria que vai lecionar", explica Paulo Roberto.

"Outro ponto importante é gostar de dar aulas e ter habilidade para lidar com pessoas de

Fotos: Neldo Cantanti



Paulo Roberto Jansen e Lígia Lopes Gomes: exigência para o voluntariado é gostar de ensinar

diferentes níveis culturais e conhecimentos", acrescenta Lígia. As aulas do Veja também são inspiradas na metodologia de Paulo Freire. Atualmente são dez alunos, com idade entre 23 e 53 anos. Alguns pararam de estudar há cinco, outros há dez ou trinta anos, o que provoca considerável desnível de conhecimento, especialmente no conteúdo de português.

Lígia, que ensina inglês, conta que a sua turma começou com trinta alunos e esse número foi diminuindo. Motivo: devido às atividades profissionais ou domésticas, nem todos têm disposição para acompanhar as aulas. "A gente procura estimular a participação, tornando as aulas mais agradáveis. Os resultados têm sido bons", avalia Lígia.

ALGUNS GRUPOS DA UNICAMP

Citar todos os grupos de alunos da Unicamp que executam ações comunitárias seria impossível, como advertiram os próprios voluntários. Qualquer relação, por mais extensa que seja, sempre correrá o risco de cometer omissões ou injustiças. Certos trabalhos são citados de forma recorrente por quem está envolvido no esforço pelo resgate e valorização da cidadania. São eles: Xô Dodói, Hospitalhaços, Mano a Mano, Instituto de Pesquisas e Estudos para a Sociedade (Ipes) e Sonha Barão.

Projeto	Atividade	Contatos
Sonha Barão	Atua em diversas frentes de trabalho, entre elas auxílio na revitalização da Sociedade Amigos de Bairro de Barão Geraldo, na implementação e início de trabalhos da Cooperativa de Material Reciclável, no diagnóstico sócio-ambiental do distrito e em questões do meio ambiente (Mata de Santa Genebra, águas, transporte)	Professora Maria Salette M. Aquino Giuliano: salette@unicamp.br, 3287-0200
Universidade Solidária	Projetos em conjunto com a Prefeitura de Campinas, envolvendo estudantes com o objetivo de criar cooperativas de trabalho para a diminuição dos índices de desemprego, uso e aproveitamento da água, cursos para capacitação de professores de escolas públicas e a implementação do ensino técnico	Professores Sandro Tonso e Celso Lopes: 3788-7773
Instituto de Pesquisas Especiais para a Sociedade	Desenvolver projetos que visem utilizar o conhecimento científico em benefício direto para a sociedade em geral e mais particularmente para as populações com menor poder aquisitivo. Dentre os projetos estão o Comunidade Saudável no Jardim São Marcos e Saúde da Família em Pedreira.	www.unicamp.br/preac/ipes
Arte e exclusão social com moradores de rua	Trabalho comunitário com moradores de rua, frequentadores da Casa dos Amigos de São Francisco de Assis.	3788-4714
Raio de sol	Oferece cursos e oficinas envolvendo capacitação técnica, saúde, meio ambiente, esporte, cultura e lazer a moradores de bairros da periferia de Campinas	www.preac.unicamp.br/raiodesol/index.htm
Hospitalhaços	Atividade circense com apresentações em hospitais, escolas e centros comunitários	www.preac.unicamp.br/hospitalhaços/index.htm
Organização Rural de Agricultores Familiares de Campinas	Orientação para pequenos agricultores na organização e formação de associações	Professor Nilson Modesto Arraes: nilson@agr.unicamp.br, 3788-1061/1017
Grupo de Pesquisa O Clown	Apresentações livres e exibições oficiais voltadas para a performance do clown. Contam com assessoria do Grupo Lume	Cláudia Funchal: (19) 9602-2106
Mano a Mano	Atividade de arte-educação com meninos e meninas de rua no centro de Campinas. Promovem manifestações artísticas, culturais e musicais.	Simone Fragella (3288-0523) ou Mônica (3208-0528): manoamano@yahoo.com.br
Movimento Abrindo Portas (MAP)	Alfabetização de adultos na Moradia Estudantil e na comunidade de Barão Geraldo	Francisco de Filippo: filippo@eco.unicamp.br
Araticum	Trabalho junto ao assentado em Sumaré	Pedro: 3287-6738
Libertadores do Riso	Apresentações de clown. Atuam junto a ONG Warã	João Mendes: 3289-4989
Trilhares	Contadores de histórias	Fernanda (3287-6738) ou Alice (9772-0825)
Plantas e Poesia	Intercâmbio com projetos da ONG Warã	Sebastião: 3289-3730 (recados)
Xô dodói	Apresentações de clown para crianças em hospitais, escolas e centros comunitários. Realização de campanhas para arrecadação de brinquedos.	www.hc.unicamp.br/xododoi/
Grupo Veja	Alfabetização de adultos	Lígia Lopes Gomes: friolempesade@bol.com.br
República Cênica	Formado por alunos de pós-graduação do Instituto de Artes da Unicamp, leva atividades artísticas a comunidades que não têm acesso aos circuitos regulares, atuando nos bairros do Jardim São Marcos, Santa Lúcia e Vila Rica e no distrito de Joaquim Egídio.	Fernando ou Ana Carolina: 3254-6765



Estudantes e produtores na plantação de figo: aprendendo a se organizar para reivindicar direitos e elevar a produção

Projetos levados às ruas, aos hospitais e ao campo

O trabalho voluntário dos alunos da Unicamp não se restringe à alfabetização de jovens e adultos. Existem grupos desenvolvendo uma série de atividades (veja quadro) junto a um público formado por moradores de rua, crianças carentes, pacientes do Hospital das Clínicas (HC) e até pequenos produtores rurais, entre outros. Um desses projetos, criado em abril de 2001, leva o nome de Raio de Sol. Formado por alunos, funcionários e professores, tem por objetivo fomentar a construção da cidadania, além de difundir os conhecimentos produzidos no âmbito acadêmico.

O Raio de Sol atua na região do Jardim Fernanda, bairro periférico de Campinas. Propicia atividades de cultura, lazer, esporte e formação aos moradores, por meio de cursos e oficinas. Em dois anos, foram realizados cursos de artes plásticas, capoeira, culinária, ginástica e consciência corporal, teatro e outros. Oficinas como as de "Saúde da Mulher" e "Mulher – questão de gênero". Também foi organizado um passeio cultural. As atividades contemplaram crianças, jovens e adultos.

De acordo com a coordenadora Fumiko Takasu, professora do Centro de Ensino de Línguas (CEL), a despeito de alguns obstáculos, como a falta de experiência inicial em trabalhos de extensão comunitária, a empreitada tem sido positiva. Embora o Raio de Sol tenha sido um dos projetos a receber apoio institucional, segundo a professora, esse tipo de iniciativa ainda se ressentia, historicamente, de suporte mais amplo para funcionar adequadamente. "Mesmo sem ter problemas com a questão econômica, a dificuldade de trabalhar em projetos dessa natureza é bastante grande. Imagine, então, os que precisam pensar estratégias de ação e ainda se preocupar com a obtenção de recursos?", indaga.

"Historicamente, a Universidade está muito voltada para as suas próprias questões, esquecendo a sua função extensionista, comunitária. O esta-



Palhaço e paciente no Hospital das Clínicas da Unicamp: atividades lúdicas que aliviam os transtornos do tratamento

belecimento de vínculos com a comunidade externa é muito importante, pois é por meio dele que podemos compartilhar o conhecimento que é gerado nos nossos laboratórios e salas de aula", acrescenta a docente do CEL.

Agricultores – O professor Nilson Modesto Arraes, da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri), concorda com a professora Fumiko. Segundo ele, que coordena o projeto Organização Rural de Agricultores Familiares em Campinas, a extensão comunitária jamais recebeu o mesmo tratamento dado ao ensino e pesquisa por parte da Universidade. "Ela premia e estimula a pesquisa e o ensino, mas não faz o mesmo com a extensão comunitária, que também é um dos seus pilares de atuação", lamenta.

Arraes afirma que os trabalhos sociais sobrevivem graças à paixão de alunos e professores. O projeto coordenado por ele começou a ser executado em meados de 2002. A primeira etapa consistiu em capacitar a equipe. "Quem faz trabalho social tem muito voluntarismo, mas nem sempre está devidamente preparado para isso. Se não houver cuidado com a profissionalização, a tarefa pode mais atrapalhar do que ajudar", adverte.

Capacitados, os integrantes dedicaram-se a buscar informações sobre a área rural, relativamente abandonada pe-

las sucessivas administrações municipais. Estudaram mapas, dados estatísticos e mantiveram contato com órgãos e instituições como Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati). Depois, saíram a campo para conhecer a realidade dos pequenos produtores rurais. Todo esse processo visou identificar os grupos de agricultores, bem como as suas demandas, de modo a verificar como o projeto poderia ajudá-los.

Descampado – A área escolhida para a execução das atividades extensionistas é conhecida como Descampado, na faixa sul de Campinas, às margens da rodovia Viracopos-Vinhedo. Lá, perto de 30 agricultores dedicam-se ao cultivo de uva, figo e goiaba. No pré-diagnóstico, os ruralistas manifestaram interesse em se organizar melhor, como forma de sensibilizar o poder público para seus pleitos e aprimorar as atividades de produção e venda de seus produtos.

A partir de agora, estarão sendo propostas ações aos pequenos produtores. O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) já se comprometeu em participar do projeto, oferecendo um curso de Organização Rural. "Esse tipo de trabalho é importante, pois além de ajudar a reduzir desigualdades, aprimora a formação dos estudantes, que podem associar a teoria à prática", explica o professor da Feagri.

Trabalho social também pede capacitação

Na primeira de uma série de reportagens, algumas das preciosas opiniões dos cidadãos brasileiros,

Acervo do Ibope mostra como

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Há 60 anos, quando uma família paulistana de classe média acordava, pairava logo na casa o aroma do café Jardim, enquanto se punha a mesa com o pão francês, a manteiga Aviação, o açúcar União e a marmelada Peixe. No banho, sabonete Gessy. Pasta de dentes, Kolynos. O pai lia *O Estado de São Paulo*, mas a mãe deixaria para mais tarde a revista *O Cruzeiro*, pois já devia pensar no almoço feito com óleo Salada e conferir se nada faltava para a limpeza — a cera Record, o saponáceo Radium, o sabão Pinheiro.

Se fosse um dia festivo, mãe e filha embelezavam-se ainda mais com pó-de-arroz Coty, rouge Royal Briar, baton Michel e esmalte Cutex. Para proteger a pele, creme Leite de Colônia ou Pond's. A água de colônia preferida era Valery; a loção, Quina Petróleo Sandar. Se as crianças estivessem fracas ou resfriadas, Biotônico Fontoura e xarope São João; se doía a cabeça, Cafiaspirina. E toda a preparação se dava ao som do rádio, com o dial girando entre *Record* e *Bandeirantes*.

Essas preferências foram detectadas na pesquisa sobre produtos de mercado dos meses de novembro e dezembro de 1942, que abre o acervo doado pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da Unicamp. A partir daí, foram levantados milhares de itens de consumo: alimentícios, farmacêuticos, beleza e limpeza, vestuários feminino e masculino, eletrodomésticos, equipamen-

tos residenciais e de trabalho, transportes, publicações, lazer etc. Através dos números do Ibope é possível lembrar, por exemplo, os lançamentos do aparelho de barbear descartável, da esfesográfica, do zipper, da pílula anticoncepcional ou do receptor de televisão.

O acervo doado à Universidade em 1989 traz, na primeira parte, as pesquisas de opinião pública realizadas até 1973; uma segunda remessa, de 1999, encontra-se em fase de organização. Entre os volumes encadernados está a Coleção de Boletins das Classes Dirigentes, que transcende o mercado de consumo, enfocando temas como família, comportamento, política nacional e internacional, economia, saúde e educação.

Com a colaboração fundamental de Elaine Zanatta, Silvia Modena Martini e Maria Cimélia Garcia, todas da Seção de Pesquisa do AEL, o *Jornal da Unicamp* inicia esta série de reportagens para oferecer ao menos uma idéia de acervo tão extenso, selecionando, num passar de olhos e sem muito critério, temas que chamam a atenção nos primeiros dez anos de pesquisas do Ibope (1942 a 1952). São transcritos comentários do próprio Instituto acerca dos resultados, em que se fez a atualização ortográfica para facilitar a leitura, mas se preservou a construção dos textos para enaltecer o lúdico.

Pesquisa com consumidores que abre a coleção doada à Unicamp é de 1942



Primeira contestação aos números do Ibope

A pesquisa de audiência das rádios apontando índices médios de 24% para a *Record* e de 20% para a *Bandeirantes*, mencionada no texto de abertura, pelo visto motivou a primeira crítica aos números do Ibope, que responderia a outras dúvidas sobre metodologias de pesquisa no decorrer de sua história. O levantamento envolveu 10.403 visitas domiciliares em dezembro de 1942, com amostragem hora a hora, e nele apareciam as rádios São Paulo, Difusora e Tupi em 3º, 4º e 5º lugares, respectivamente.

O que motivou a acusação de falsidade nos números foi um programa de meia hora da *Record*, em que o Ibope encontrou 46,5% de ouvintes para o primeiro quarto de hora e somente 24,2% para o segundo. A explicação do instituto, em boletim de janeiro de 1943, era complicada e se baseava na migração de ouvintes adultos e infantis de uma rádio para outra no referido horário, e vice-versa.

Mais vale registrar o preâmbulo da resposta do Ibope, acusando a pouca estrutura e amorosismo em emissoras de rádio e admitindo "a mágoa com que encaramos a incompreensão ou ignorância daqueles que, por dever de ofício,

ao invés de colaborarem com nosso trabalho, fizeram o possível para destruí-lo".

Exemplos de ignorância, para o instituto, eram que "Galileu foi condenado, a vacina hostilizada, o seguro de vida considerado imoral, os automóveis apedrejados". E se acrescentava: "Nossas pesquisas de rádio são uma espécie de exame de sangue para as estações. Apurada a existência do vírus infeccioso, nada lhes resta senão iniciar o tratamento. Entretanto, preferem ignorar a situação, como certas senhoras retrógradas que se recusam sempre a abrir e ler telegramas, pelo receio de que contêm uma notícia de morte".

SERVIÇO

Arquivo Edgard Leuenroth

Local:
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Horário:
das 9h às 17h
Período letivo:
2ª e 6ª feiras,
das 9h às 17h; 3ª, 4ª e 5ª feiras,
das 9h às 20h

Seção de Atendimento:
3788-1626

ael-cpds@unicamp.br



▼ Sabonete

Gessy	30%
Lever	25.5%
Lifebuoy	11%
Palmolive	8%
Eucalol	5%

▼ Xarope

São João	14%
Bromil	4%
Limão Bravo	4%
Bromofórmio	1.5%
Cognac Alcatraz Xavier	1.5%

▼ Analgésico

Cafiaspirina	15.5%
Veranon	15.5%
Rhodine	14%
Fontol	8%
Melhoral	7%

O assunto do dia é a harmonia Cutex: esmalte e baton nas mesmas tonalidades!



Harmonia Cutex é o que as mulheres elegantes procuram e usam! Harmonia Cutex é a moda. Em suas tonalidades, as cores modernas de Cutex — o esmalte que brilha intensamente, dia e noite, sem se desmanchar ao esfregar. E em suas linhas, as cores harmonizadas do Baton Cutex — avulsão, soberano, perfeccionista... um momento em sua vida! Para viver no mundo, use *Harmonia e Baton Cutex Harmonizantes!*

▼ Jornal

O Estado de SP	29.5
A Gazeta	17.5
Diário da Noite	8
Folha da Manhã	7.5
Diário de SP	6.5

▼ Revista

O Cruzeiro	14
Carioca	8.5
Jornal das Moças	5.5
Life	4
Parati	4

OBS: Os anúncios foram reproduzidos da revista *O Cruzeiro*

▼ Água de colônia

Valery	13%
Regina	5.5%
Royal Briar	4%
Coty	3.5%
Flamour	3.5%

▼ Creme para pele

Leite de Colônia	12.5%
Pond's	9%
Rugol	7%
Elisabeth Arden	4%
Dagelle	1.5%



▼ Óleo de cozinha

Salada	30
Yandara	18
Saúde	9
A Patrão	8
Sublime	8

▼ Manteiga

Aviação	36.5
Mococa	10.5
Viaduto	9
Vigor	6.5
União	6

▼ Cera

Record	39
Parquetina	17
Clemant	8
Inca	5
Fidalga	4.5



Audiência de rádio

Record	24%
Bandeirantes	20%
São Paulo	14.2%
Difusora	12.8%
Tupi	10.3%

Avaliação da programação de março de 1943

(...) De modo geral, as estações que melhoraram seus programas, ou antes, as estações que aproximaram seus programas do gosto médio do ouvinte, obtendo assim melhores colocações, foram Tupi, Cultura, Bandeirantes e São Paulo.

(...) A Tupi acertou com o gosto do público em certos programas que lhe virão a dar, com certeza, índices mais altos. A propósito, não é ocioso evidenciar "Manolita". Essa velhíssima valsa que no seu tempo fez grande sucesso, volta agora ao cartaz provocando verdadeiro furor.

A *Bandeirantes*, em 2º lugar na colocação geral, também apresentou melhora. Deve-se salientar que o principal responsável é o programa "Aquarela", com o maior índice que já apuramos desde junho de 1942 até esta data, ou seja, 70,6%.

Acusamos também um fato bastante agradável para muitos ouvintes de gosto apurado: a sensível decadência do programa "Saudade", que cedeu seu primeiro lugar a outros programas.

Na *Excelsior*, os dois programas básicos são ainda "Humilia" de Monsenhor Bastos e "Ave Maria" de Manoel Victor. Na *São Paulo* prosseguem, por evidência, os teatros.

Avaliação dos anúncios

No serviço "X", as alterações observadas se prendem, ora à falta dos produtos na praça, ora às condições econômicas excepcionais que atravessamos. A especulação e o açambarcamento atingiram ao auge, de sorte que o público principia a reagir aos preços, deixando de comprar o dispensável e até mesmo o indispensável, ou procurando marcas mais baratas.

Nota-se sensível irritação entre as donas de casa contra a carestia. Crêem que o comércio intermediário é quem se aproveita dos boatos para elevar os preços em proveito próprio. Os tabelamentos, de um modo geral, não são respeitados. E tal fato acontece porque o público não mantém necessário sangue frio para enfrentar com calma as manobras dos especuladores.

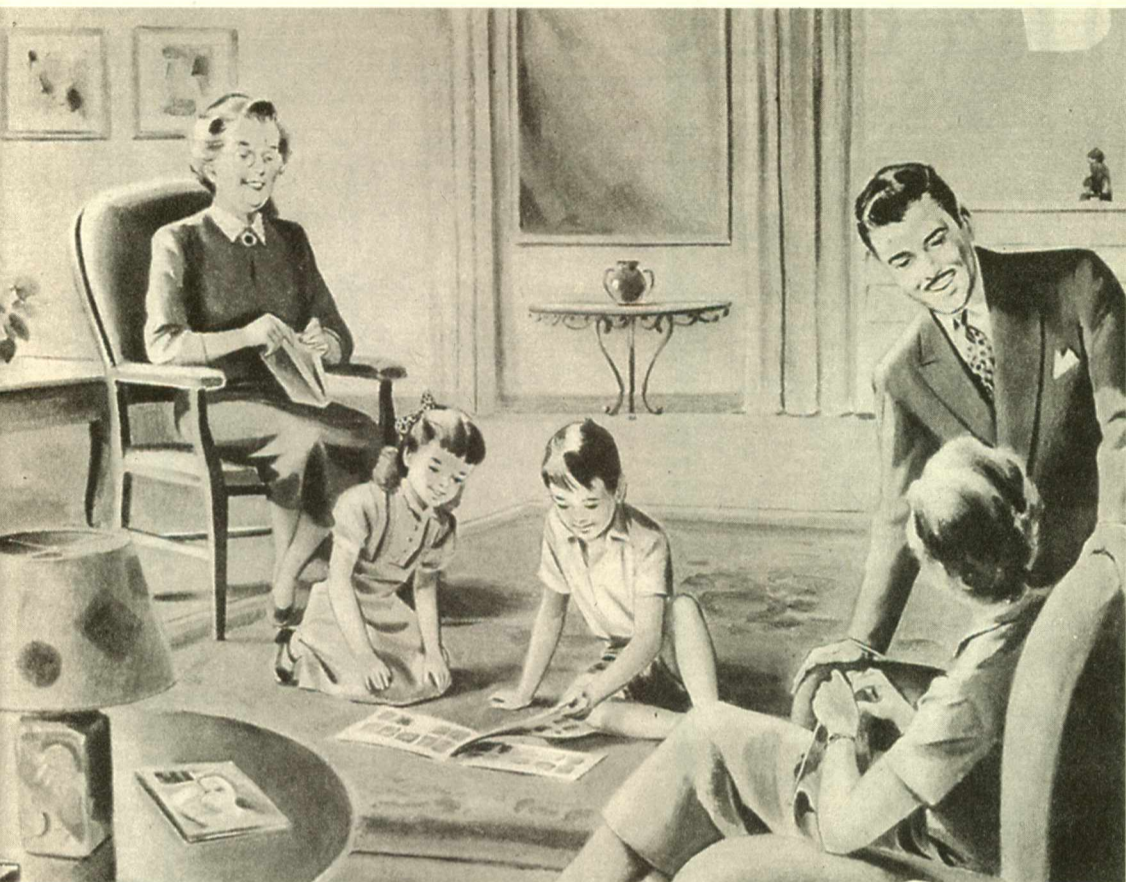
Vejamos um caso típico: o fio nichel-cromo, para resistências elétricas. Há dois anos que se diz estar esgotado o estoque desse material; seu consumo cresceu enormemente com a saída de aquecedores, fogareiros e fogões elétricos, no entanto, ainda aparece fio nichel-cromo na praça, aos dois e três quilos, mas a peso de ouro. Trata-se apenas de açambarcamento.

Assim acontece com o álcool, com o açúcar, com o sal.

O público, já dissemos, principia reagir. Pelo menos foi o que observamos nas 500 visitas domiciliares que realizamos este mês.

...çadas dentre a infinidade de pesquisas que compõem o acervo doado pelo instituto à Unicamp

era a vida nos velhos tempos



A família idealizada

...pesquisa internacional realizada pelos aliados ao Instituto Gallup (Ibope, inclusive), em 1950, colocava o povo brasileiro entre os mais crentes em Deus, índice próximo aos 70%. Nem por isso a população via o casamento como um elo para o resto da vida, como pregava a maioria das religiões, pois a Lei do Divórcio, que Getúlio Vargas colocava em debate, tinha a aprovação de 68% dos entrevistados no Rio de Janeiro, então capital federal.

No lar, o casamento era uma instituição defendida ardorosamente. Na ausência do divórcio, casais iam ao Uruguai ou ao México regularizar juridicamente a separação, mas enfrentavam o preconceito quando voltavam, principalmente por parte das mulheres, casadas ou não: 53% delas, conforme pesquisa, se recusavam a manter relações sociais com quem optava pela nova situação conjugal.

O marido ideal para as solteiras seria aquele capaz de demonstrar compreensão, tolerância e carinho para com elas, dedicação aos filhos e bom nível cultural, sem deixar de observar o bom ordenado; as casadas sacrificavam a inteligência e cultura por um companheiro mais presente e dedicado aos filhos. As mulheres, em geral, viam o marido brasileiro como bom, carinhoso, trabalhador e cumpridor dos deveres, embora algumas lhe atribuísem adjetivos como "infidel", "volúvel" e "muito safado". Para os homens, a esposa ideal, além de compreensiva, tolerante e carinhosa, precisava ser boa administradora do lar.

Quanto aos filhos, eram aconselhados por um terço dos pais a amar somente a partir dos 16 anos, havendo os mais severos que só o permitiam a partir dos 18 anos. Os pais, na média, tiveram os primeiros amadores com 16 anos (mulheres) e 17 anos (homens). Como profissão, o pai homem era incentivado a seguir a engenharia (22.2%), a medicina (6.7%) e a carreira militar (6.7%). A mãe deveria ser dona de casa (31.7%) ou professora (25.2%).

Homicídio por amor

O povo carioca teve muitas oportunidades durante o ano de 1951 para reconsiderar as suas idéias sobre amor e casamento. Dois fatores sobretudo devem ter alertado as consciências dessa população para a existência do problema das obrigações conjugais: o projeto do deputado Nelson Carneiro, defendendo a introdução de mais um caso de anulação do casamento na nossa legislação; e a verdadeira onda de homicídios de maridos ou de mulheres por seus respectivos cônjuges.

(...) Com efeito não é sempre pelas razões de Otelo que um homem mata a sua mulher. Muitas vezes há mais cupido na história do que o pecado do mouro, e o homicídio nada mais é do que uma tentativa - bárbara, reconhecamos - de reorganizar uma vida fracassada ou evitar a frustração de um amor.

O Ibope considera que os dados apresentados a seguir revelam o que as normas jurídicas não podem revelar: o grau de aprovação ou de repúdio moral da população carioca a tais crimes passionais.

Não obstante o elevado índice de reprovação ao princípio de "justiça pessoal", não deixa de ser digno de nota o índice ainda muito representativo dos que admitem o uxoricídio [assassinato da mulher pelo próprio marido] por ciúme ou abandono do lar.

'Amar foi minha ruína'

Com as palavras do título começou sua entrevista aos repórteres cariocas, uma das muitas mulheres envolvidas durante o corrente ano em casos de homicídio por amor. O fato é muito significativo. Demonstra com bastante clareza a mentalidade novelesca da pessoa em questão. Esta simples observação conjugada à verificação de que são as mulheres que fornecem o maior contingente dos ouvintes de novelas radiofônicas, nas quais com freqüência indiscutível, o enredo amoroso está mesclado com incidentes criminosos (...) torna compreensíveis estes dados encontrados...

Tinturados pela imaginação do carioca com as cores dos melodramas novelescos, graças sobretudo aos artifícios sensacionalistas da imprensa, mas também em virtude de frases como a do título, estes casos de homicídio por amor foram capazes de arrastar às salas dos tribunais de júri uma multidão de curiosos que transformavam a emoção coletiva em apoteose do crime passionais.

Considera justificável ou perdoável a mulher matar o marido por ciúme ou abandono?			
	Homens	Mulheres	Total
Sim	7.5	11.5	9.5
Não	85.5	80.5	83
Não opinaram	7	8	7.5
Considera justificável ou perdoável o marido matar a mulher por ciúme ou abandono?			
	Homens	Mulheres	Total
Sim	6.5	8.0	7.5
Não	84.5	81.5	83
Não opinaram	9	10.5	9.5

O que as classes dirigentes queriam saber dos cidadãos

Em 1950 o Ibope lançou os Boletins das Classes Dirigentes, publicação semanal com assinatura anual a 9 mil cruzeiros, em que o diretor responsável Auricélio Pentead e o diretor executivo Luiz Flávio de Faro atendiam a encomendas de pesquisas de opinião sobre temas que extrapolavam o mercado de consumo. As classes dirigentes queriam saber o que os cidadãos achavam, por exemplo, de aspectos da política, economia, saúde, transportes, matrimônio, sexualidade, racismo, guerra fria, novidades tecnológicas.

"Eu só queria poder sempre dar ao povo o que ele quer, a dificuldade está em saber o que o povo quer", é a frase do presidente Abraham Lincoln que ilustra o texto de apresentação dos Boletins. E ali se incluiu uma previsão do final do século 19, quando o jornalista americano James Bryce escreveu que a democracia daria um grande passo à frente se fosse possível "pesquisar-se com regularidade a vontade da maioria dos cidadãos". Somente no primeiro ano,



o Ibope publicou 52 boletins, num total de 2 mil páginas com 367 pesquisas de opinião (198 nacionais e 169 estrangeiras).

Naquele início dos anos 1950, o Ibope fez um levantamento dos provérbios mais populares, que acabavam por caricaturar os tipos brasileiros: o conformado, para quem "devagar se vai ao longe" e "mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga"; o otimista, do "antes tarde do que nunca" e "quem quer vai, quem não quer manda"; e o pessimista, que "pretendia ter o que já gastei", "o pau rola, rola e vem quebrar na cabeça do pobre" e "no Brasil só se resolvem os problemas por gravidade". E ainda o brasileiro mal-humorado, que reagia à curiosidade do entrevistador do Ibope: "gente besta não tem o que fazer".

ARTIGO

Emergência cultural

O Jornal da Unicamp está publicando uma série de matérias sobre a Coleção Ibope. É um acervo riquíssimo para a realização de pesquisas variadas sobre história política e cultural do Brasil ao longo de toda a segunda metade do século 20. São milhares de pesquisas de opinião que acrescentam muito ao Arquivo Edgard Leuenroth e à própria Unicamp em sua missão de propiciar a produção do conhecimento.

É importante registrar que estivemos a ponto de perder grande parte deste acervo. Ele nos chegou em duas levadas, a primeira em 1989. Depois, em 1999, quando o Ibope nos contactou para entregar a segunda remessa, o Arquivo Edgard Leuenroth vivia uma situação crítica, sem espaço para captar novos acervos, muito menos aquela quantidade de documentação.

Ocorre que o Ibope tinha pressa, era pegar ou largar. Historiadores e arquivistas não ficam inertes diante desses tesouros. Respondemos que estávamos prontos para receber o material e, fato consumado, restava

correr atrás do espaço. A Reitoria se sensibilizou e, por dois anos, o acervo abarrotou 60 metros quadrados embaixo do Ginásio, até que se erguesse um depósito adequado e, agora, uma nova sede para o AEL, prestes a ser concluída.

Hoje, relembro a tensão que passamos ao dar sinal verde ao Ibope, é obrigatório o agradecimento à equipe técnica do AEL, que trabalhou intensamente, e ao auxílio inestimável da Fapesp e do Cesop. Esforço bem pago com a felicidade de ver o material corretamente acondicionado, quase totalmente organizado, disponível para pesquisadores acadêmicos e imprensa.

Gostaria de ressaltar, porém, nesses nossos tempos tristes de eterna contenção de gastos e pudor de ousar, que a Unicamp conseguiu este acervo porque correu riscos, e porque houve sensibilidade da administração à época em acudir uma situação, por assim dizer, de "emergência cultural".



Sidney Chalhoub
Diretor do Arquivo Edgard Leuenroth

Canadenses doam US\$ 1,5 milhão em equipamentos; inauguração será nesta sexta-feira

Tecnologia da informação ganha novo laboratório na FEEC

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@reitoria.unicamp.br

O Laboratório Celestica do Centro de Materiais Cerâmicos e Semicondutores (CCS), um dos primeiros do gênero instalado no Brasil, será inaugurado na próxima sexta-feira (21), às 11 horas, na Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação (FEEC) da Unicamp. Sua finalidade básica é desenvolver pesquisas no

Inicialmente, equipe vai desenvolver projetos de comunicação sem fio

setor de tecnologia de informação. Em 100 metros quadrados de construção, estão implantados sofisticados equipamentos, avaliados em mais de US\$ 1,5 milhão, doados pela empresa Celestica do Canadá, cujo ramo de negócio são aparelhos de comunicações, celulares e microondas.

O professor Hugo Figueroa, da FEEC, informa que a aquisição desses equipamentos para o laboratório da Unicamp é resultado de convênio firmado entre a Universidade e a Celestica, depois de negociações que começaram no final de 2001, efetivando-se no ano passado. O acordo prevê, essencialmente, um processo abrangente de cooperação técnica para o desenvolvimento e pesquisa no setor de comunicação sem fio (celulares) e, eventualmente, comunicações via satélite e ópticas.

“Com esses projetos pretendemos desenvolver novos dispositivos como, por exemplo, um novo tipo de antena altamente diretiva, com alta seletividade de recepção via satélite”, explica o professor. Os pesquisadores envolvidos nesse trabalho estão hoje utilizando uma tecnologia bastante re-



Professor Hugo Figueroa (esq.) e equipe do Laboratório Celestica, um dos primeiros do gênero no Brasil: enfoque nas aplicações de metamateriais

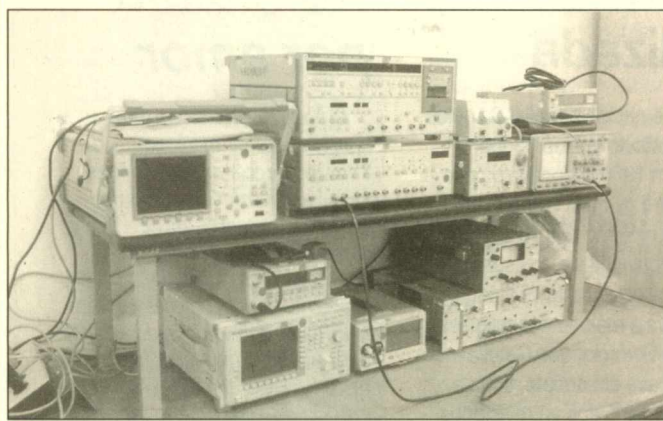
cente no meio científico denominado de metamateriais. Segundo Figueroa, os metamateriais são utensílios convencionais que apresentam características de ressonância, imitam meios sólidos cristalinos – que podem não existir na natureza – por meio de uma combinação de fios condutores e materiais dielétricos (isolantes) convencionalmente distribuídos. Poderiam ser utilizados, por exemplo, para substituir dispositivos sofisticados, como antenas parabólicas e conectores de circuitos.

O professor faz questão de ressaltar que a instalação do Laboratório nas dependências da FEEC ocorre num momento em que a maioria das empresas de pesquisa do setor de tecnologia de informação

está reduzindo seus gastos de maneira considerável.

“Formando parceria com a Unicamp, a empresa canadense segue na contramão do problema e escolheu o Brasil para fazer investimentos, pois acredita na pesquisa desenvolvida no nosso país”, elogia.

Outros produtos – A princípio, são projetos ou serviços de dispositivos para processamento de sinais na frequência de microondas encomendados pela própria matriz da Celestica, em Toronto. “Em termos de pesquisa, estamos centrando esforços nas aplicações dos metamateriais, que têm sido descobertas recentemente”, ressalta. Ele adianta que, informalmente, as pesquisas no Laboratório Celestica estão sen-



do desenvolvidas desde agosto do ano passado. Mas, com a assinatura do convênio, pretende-se, daqui por diante, trabalhar de modo mais intenso.

A equipe de pesquisadores, coordenada pelo professor Hu-

go Figueroa, é constituída por Farcísio Cordaro (engenheiro consultor), Luiz Carlos Freitas (bolsista, doutorado), Eduardo Sartori (bolsista, mestrado) e Gleiton Garcia (engenheiro da Celestica).

PA NEL DA SEMANA

Otimização – Às segundas-feiras, o Departamento de Matemática Aplicada (DMA) do Imecc, realiza os Seminários de Otimização. O encontro, que reúne especialistas da área, acontece às 14 horas, na Sala de Reuniões do DMA. Dia 17 (segunda-feira), o professor Roberto Andreani fala sobre “Otimização do Valor Ordenado II”.

Moradia Estudantil – Até o dia 19 (quarta-feira), o Programa de Moradia Estudantil (PME) recebe inscrições de calouros e estudantes não-residentes. A primeira lista de selecionados pelo PME foi divulgada dia 14 de março e, a segunda será conhecida no dia 26.

O Capital – O Cemarx organiza o Grupo de Estudos sobre O Capital, de K. Marx e convida interessados para a 1ª reunião do Grupo, no dia 19 (quarta-feira), às 17 horas. Será realizada na sala do Cemarx, que tem como coordenador Hector Benoit, do Departamento de Filosofia do IFCH. Informações: 3788-1639 ou cemarx@unicamp.br.

Cooperativa – A Cooperunicamp realiza assembleia geral ordinária para eleição da nova diretoria no dia 20 (quinta-feira), às 10 horas, no auditório da DGA.

Biblioteca Digital – As bibliotecas da Unicamp, USP, Unesp e Istec promovem, nos dias 20 e 21 (quinta e sexta-feira), o Workshop Política de Informação em Bibliotecas Digitais. O evento será realizado no Centro de Convenções da Unicamp. O reitor Carlos Henrique de Brito Cruz

abre o Workshop às 9 horas, que também terá a participação do vice-reitor José Tadeu Jorge, do presidente da Fapesp Carlos Vogt, do presidente do Istec Mauro Miskulin e do secretário-executivo do Istec Ramiro Jordan, estando ainda confirmada presença internacional (EUA, Portugal, Uruguai) de autoridades no assunto. As temáticas enfatizarão as Tendências em bibliotecas digitais, Consórcio em bibliotecas digitais e Teses digitais. O objetivo é discutir novos paradigmas da biblioteca, a produção de periódicos eletrônicos, teses digitais e demais fontes eletrônicas de informação e acessibilidade a estas fontes. Os interessados podem fazer suas inscrições somente via Internet, no site www.bibdig.bc.unicamp.br. Informações pelo telefone 19-3788-6499.

Política e Educação – Acontece dia 21 (sexta-feira), às 12 horas, o lançamento do livro “Política e Educação, análise de uma perspectiva partidária”, da Hortograph Editora. A obra foi escrita pelo professor Zacarias Pereira Borges, do Laboratório de Gestão Educacional (Lage) da Faculdade de Educação. O evento será no São Nobre da FE. Contatos: 3788-5661/ 3788-5556.

Epilepsia – O Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina da Unicamp promove no dia 29 de março, no anfiteatro 1 (na Legolândia), o I Encontro Nacional de Associações e Grupos de Pacientes com Epilepsia. Trata-se de um encontro que visa reunir grupos de apoio em epilepsia para melhorar o atendimento a esses pacientes. A idéia é também mostrar possíveis diretrizes e resoluções para o tratamento da doença. O evento é dirigido a pacientes, familiares, profissionais de saúde e alunos de graduação e de pós-graduação. Informações pelo telefone 3788-8851 ou pelo site www.aspe.hc.unicamp.br.

OPORTUNIDADES

Bandas de rock – As bandas de rock de Campinas agora têm um espaço de divulgação e de reflexão sobre seu trabalho. O Canal Universitário de Campinas (10 da Net) começou a exibir no dia último dia 7, o programa Valvulado, produzido pelo Centro de Comunicação da Unicamp e transmitido dentro da programação da TV Unicamp. Informações: 3788-2079/2081.

Bolsas CNPq – Estão abertas as inscrições do programa de bolsas de longa duração do DAAD/Capes/CNPq até dia 21 (sexta-feira). As modalidades são: doutorado, doutorado-sanduíche e especialização (para médicos). Informações: site <http://rio.daad.de> ou e-mail: glauce@daad.org.br.

Concursos docentes – A Secretaria Geral da Unicamp possui 21 vagas para concursos e processos seletivos para docentes. Até 25 de março o Instituto de Geociências (IG) recebe inscrições para professor doutor, na área de Geografia, nas disciplinas Análise de Redes e Fluxos (Transportes e Comunicação). O concurso para o provimento de uma vaga para Professor Doutor, em RTP, é na área de Geografia, na disciplina Análise de Redes e Fluxos (Transportes e Comunicações), do Departamento de Geografia do IG. As inscrições estarão abertas por um período de trinta dias e deverão ser feitas na Secretaria do Instituto de Geociências, na Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, Barão Geraldo, das 9 às 16 horas, de segunda a sexta-feira. O interessado deve apresentar prova de que é portador do título de doutor outorgado pela Unicamp, por ela reconhecido ou de validade nacional. O edital completo encontra-se em http://www.sg.unicamp.br/concursos_web/proccsel/pdf/01P235812002.pdf

Prêmio Embrapa - Inscrições até 31 de março do Prêmio Embrapa de Reportagem 2003. São convidados a participar veículos como TV, rádio e impresso. O prêmio será conferido para reportagens sobre “O papel do cooperativismo para a inovação tecnológica na agropecuária” veiculadas no período de 1º de abril de 2002 a 31 de março de 2003. Informações no site www.embrapa.br ou pelo telefone (61) 448-4379.

Geotecnologias – A 3ª Mostra do Talento Científico, promovida pela GIS Brasil, premiará estudantes da área de geotecnologias. Para participar do concurso o trabalho deve mostrar aplicações práticas das geotecnologias em áreas como meio ambiente, gestão de cidades, telecomunicações, energia elétrica, saneamento, planejamento territorial, ou qualquer outra que venha a contribuir com o dia-a-dia das corporações públicas ou privadas. A 3ª Mostra acontece de 19 e 22 de agosto, no Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo, paralelamente ao COMDEX Sucusu-SP – Brasil 2003. Os interessados podem se inscrever até o dia 15 de abril. Outras informações: telefone: (11) 3039-5968.

Educação – A 10ª edição do Educador – Congresso Internacional de Educação – que tem o tema “Idealismo Empreendedor: Excelência nas Instituições de Ensino”, será realizado de 14 a 17 de maio, no Expo Center Norte, em São Paulo, paralelamente a Educar – Feira Internacional de Educação – é destinado aos profissionais da área, especialmente mantenedores, diretores e gestores de ensino privado. O objetivo é intercambiar informações no campo da pesquisa e do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, como também oferecer conteúdo técnico para facilitar a administração de estabelecimentos de ensino da educação infantil ao ensino superior.

Pesquisa avança na obtenção de oligossacarídeos a partir da sacarose para uso em iogurtes e bolachas

FEA identifica nova enzima

MANUEL ALVES FILHO

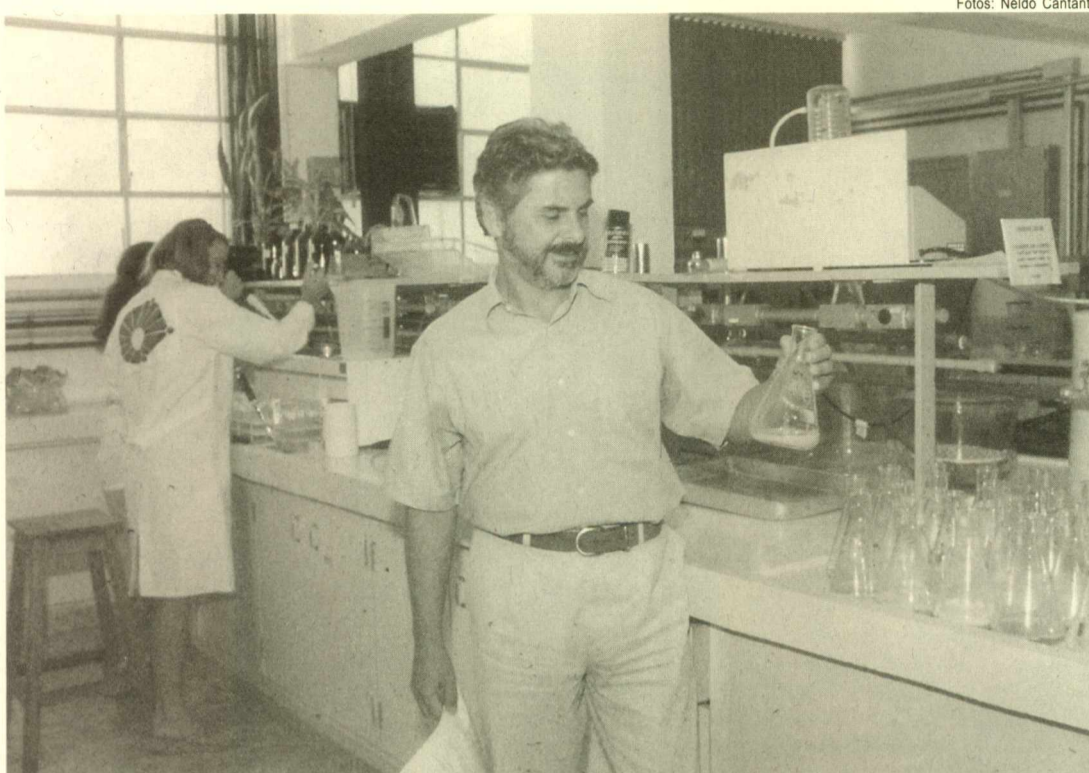
manuel@reitoria.unicamp.br

Linha de pesquisa conduzida por docentes e pós-graduandos da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp está registrando importantes avanços em relação à obtenção de oligossacarídeos a partir da sacarose, matéria-prima que é abundante no Brasil. Esses ingredientes, que podem ser adicionados a alimentos como iogurtes, bolachas e sorvetes, são considerados funcionais, ou seja, melhoram as funções do organismo, ajudando a prevenir doenças. Atualmente, os pesquisadores estão trabalhando no desenvolvimento

Equipe pede patente de processo que supera o dos japoneses

de uma bebida fermentada à base de soja, voltada para pessoas que têm restrição ao consumo de produtos lácteos.

As pesquisas tiveram início em 1985. O objetivo inicial, conforme o professor Francisco Maugeri Filho, da FEA, era fazer uma triagem de microorganismos que pudessem hidrolisar a sacarose, para a produção de glicose e frutose. Durante as experiências, notaram-se alguns resultados inesperados, como a obtenção de oligossacarídeos a partir do contato entre a enzima inulinase e a sacarose. O processo, conforme Maugeri, é mais simples e econômico que o concebido pelos japoneses e já empregado em escala industrial em



O professor Francisco Maugeri Filho em laboratório da FEA: bebida fermentada à base de soja em desenvolvimento

empresas francesas e japonesas. Utilizam-se subprodutos da indústria de alimentos, como melão de cana de açúcar e água de maceração de milho, que reduziu o custo do processo num fator de aproximadamente 1.000.

O professor explica que, além da sacarose ser um produto barato e abundante no Brasil, o cultivo do microorganismo usado para a extração da enzima, uma levedura, é bastante simples. Além disso, esta enzima pode ser reutilizada por até cinco meses, sem que perca as suas características. "Nós já depositamos um

pedido de patente dessa descoberta", afirma Maugeri. E, dependendo das condições em que o processo é realizado, pode-se obter açúcar líquido, totalmente hidrolisado. "Em outra condição de operação do reator, eu posso gerar até 20% de oligossacarídeos", afirma.

Esta produção de oligossacarídeos está sendo feita em escala laboratorial. Dependendo do interesse da iniciativa privada, esse volume pode ser ampliado. De acordo com a professora Maria Isabel Rodrigues, que também integra a equipe de docentes que

orientam as pesquisas, cada etapa do processo vem sendo cuidadosamente otimizada, desde o pré-tratamento do meio de cultivo, até a etapa de purificação e aplicação da enzima, utilizando a metodologia de planejamento experimental e análise de superfície de resposta. Os oligossacarídeos podem ser adicionados a uma série de alimentos, como bolachas, sorvetes, iogurtes e até refrigerantes. Considerados funcionais ou pré-bióticos, melhoram as funções orgânicas, ajudando a prevenir o surgimento de enfermidades.

Estudos indicam, ainda, que essas substâncias fortalecem as bifidobactérias (encontradas no intestino humano e que fazem parte da flora intestinal), que auxiliam nas atividades digestivas.

Nova bebida – A linha de pesquisa já rendeu sete teses de mestrado e doutorado, além de outros seis trabalhos de pós-graduação em andamento. Destes últimos, alguns chamam a atenção. Um deles envolve o estudo de novos processos de síntese dos oligossacarídeos. No lugar de um solvente aquoso, os pesquisadores estão experimentando o uso de um solvente orgânico. Outro esforço está concentrado na busca por um novo tipo de microorganismo que possa hidrolisar a sacarose. Para isso, estão sendo selecionadas amostras de flores e frutos de diversas regiões brasileiras, como o Pantanal, Floresta Amazônica, Serra do Mar e Cerrado. Esses locais foram escolhidos porque ainda apresentam ambientes isolados, que não sofreram intervenção humana mais intensa.

Por fim, há o trabalho em torno de uma bebida fermentada à base de soja, que contenha agentes funcionais. A ideia é que o produto ajude a manter a microbiótica intestinal, reduza a má absorção da lactose e proteja o organismo de infecções intestinais. Esse "leite de soja" deve ser uma alternativa para as pessoas que apresentam problemas digestivos ou tenham alergias pela ingestão de leites processados. Os estudos da FEA contam com financiamento e bolsas de estudos da Capes, CNPq e Fapesp.

O perigo que se esconde nas prateleiras

ANTONIO ROBERTO FAVA

fava@unicamp.br

Estima-se que, a cada 300 brasileiros, pelo menos um é portador de uma enfermidade que impede a ingestão de alimentos com glúten, uma proteína presente nos produtos à base de trigo, centeio, cevada e aveia. Trata-se da doença celíaca (DC), que agride e provoca lesões no intestino delgado, comprometendo a área de absorção dos nutrientes. A criança ou adulto celíaco perde peso, sofre de diversos sintomas associados à deficiência de vitaminas e minerais, pode apresentar dermatite herpetiforme (afecção cutânea) e Diabetes mellitus, além de se arriscar a outras doenças imunológicas e mesmo a transtornos nervosos e psiquiátricos.

Um em 300 brasileiros é sensível à ingestão de glúten

Durante dois anos, Fabiana Maria Bonetti Piccoloto, da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp, analisou 177 produtos industrializados disponíveis no mercado e cuja rotulagem não fornecia a advertência "contém glúten". Desses, 83 são itens de panificação, 34 bebidas, 22 embutidos e 14 desidratados. A investigação revelou que o glúten estava presente em 84% dos produtos.

De 98 alimentos naturalmente isentos da indesejável proteína – derivados de arroz, milho e mandioca, entre outros –, 19 apresentaram a substância em sua composição. A maioria das amostras apresentou níveis de



Fabiana Piccoloto, da FEA: dois anos pesquisando produtos que contêm glúten para a sua tese de doutorado

glúten inferiores a 0,016%; quatro amostras tinham teores entre 0,016% e 0,046%; e em uma o índice ficou entre 0,10% e 0,30%. Esses resultados sugeriam que, durante o processamento, tais produtos sofreram contaminação.

Muitos alimentos continuam nas prateleiras sem a advertência quanto ao glúten, em total desacordo com a Lei Federal 8543, de dezembro de 92. Mais: "De acordo com a Acelbra (Associação dos Celíacos do Brasil), não existe nenhum laboratório que faça a análise dos produtos, para saber se realmente estão isentos do glúten e, com isso,

orientar a população suscetível", afirma Fabiana.

Dieta rígida – A doença celíaca, embora ainda sem cura, pode ter os sintomas eliminados com um tratamento basicamente dietético, evitando-se o consumo de glúten por toda a vida. "Se a dieta não for seguida com bastante rigor, poderá gerar danos maiores ao intestino delgado, como a formação de tumores malignos", explica a pesquisadora.

Não fossem as falhas de discriminação nas embalagens e os riscos de contaminação, o tratamento da doença seria simples, pois a falta de glúten pode ser

compensada com milho, arroz, batata, soja, mandioca e outros alimentos compatíveis. O trabalho resultou na tese de doutorado *Determinação do teor de glúten por ensaio imunoenzimático em alimentos industrializados*, sob a orientação do professor José Luiz Pereira, defendida recentemente na FEA.

Na tese, Fabiana Piccoloto procura orientar as pessoas sensíveis ao glúten e alerta para a impossibilidade de se quantificar esta sensibilidade: "Apenas a presença da proteína já é capaz de causar sérios danos à mucosa intestinal de alguns pacientes celíacos", afirma.

Raça branca é mais exposta

A doença celíaca acomete indivíduos de ambos os sexos, principalmente de raça branca, podendo manifestar-se tanto na infância quanto na vida adulta. Ainda que os mecanismos na produção da lesão da mucosa intestinal sem desconhecidos, com certeza fatores genéticos, imunológicos e ambientais interagem de maneira significativa na patogênese da doença.

A biópsia intestinal continua sendo o padrão mais eficaz para o diagnóstico da doença. São feitos exames complementares, como os de dosagem de gordura fecal e prova da D-xilose, que avaliam as condições gerais do paciente, principalmente as relacionadas à desnutrição como hemograma, proteinograma e ferro sérico.

Pesquisadora utiliza conhecimentos da clonagem de plantas para disputar um difícil mercado

A ciência de clonar orquídeas

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

A bióloga Monique Inês Segeren, com mestrado e doutorado na Unicamp, faz parte daquele grupo de pesquisadores que utiliza os conhecimentos desenvolvidos em laboratório para lutar diretamente por uma fatia do mercado produtivo. Ela está nesta trincheira há 15 anos, com sua empresa ProClone, multiplicando mudas de flores geneticamente idênticas, em grande escala, para comercialização no Brasil e agora visando à exportação para Europa e Estados Unidos.

Na multiplicação clonal, também chamada de micropropagação *in vitro*, a produção de mudas é obtida a partir de partes da planta ou mesmo de um pequeno conjunto de células que, exatamente por serem poucas, permitem uma seleção que as livrem de contaminação por patógenos, sobretudo vírus. Sob condições ideais que só podem ser alcançadas em laboratório arejado e com uma equipe treinada, as células se multiplicam e podem ser subdivididas em qualquer quantidade. A qualidade, padronização e saúde

Copo-de-leite colorido é a grande novidade do momento

das mudas asseguram sua viabilidade comercial. “Nos últimos três anos tenho adotado como plantas principais a orquídea e a *Zantedeschia*, que é o copo-de-leite colorido, grande novidade do momento – estamos trabalhando com cerca de 50 cores e formatos”, afirma Monique. A pesquisadora explica que o mercado de flores quer novidades. “O laboratório precisa visualizar o que será consumido em 2004 ou 2005. Ao programarmos uma clonagem, devemos considerar que nosso cliente-produtor ainda vai trabalhar a muda por mais um ou dois anos na estufa, até que chegue à prateleira”, acrescenta.

A clonagem de plantas é uma técnica surgida nos anos 1960. Segundo Monique Segeren, existem no país perto de cem laboratórios que fazem uso do método, mas de forma artesanal. “Nosso diferencial está na semi-automação, que incorporamos graças ao projeto Fapesp. O custo cai, a qualidade



Fotos: Neldo Cantanti

O tratamento meticuloso das mudas e Monique Segeren (abaixo), doutora pela Unicamp: “A clonagem é conhecida, a semi-automação é nosso diferencial”



e a padronização melhoram”, diz a bióloga. A fitossanidade é garantida pelo teste Elisa (*Enzyme-Linked Immunosorbent Ass-*

ay), específico para cada vírus.

Os recursos do Pipe-Fapesp e do Rahe (Recursos Humanos em Áreas Estratégicas) do

CNPq viabilizaram equipamentos, treinamento de pessoal (há intercâmbio com unidades públicas de pesquisa) e a ampliação do laboratório, onde uma nova sala permitirá elevar a produção de 400 mil mudas anuais para 2 milhões – os concorrentes ficam na média de 30 mil mudas. “O meu cliente-produtor já exporta suas flores, o que espero conseguir agora com minhas mudas *in vitro*, em decorrência do aumento da capacidade”, prevê a pesquisadora.

Conflito – Filha de holandeses, Monique teve outro motivo para instalar sua empresa em Holambra, maior pólo de produção de flores do Brasil e detentora de 35% do mercado. “Ao redor do laboratório estão 160 grandes produtores que podem alugar um pedaço de estufa para cruzamentos e melhoramentos”, observa. A

bióloga tenta seguir a proposta da Fapesp de trabalhar também com laboratórios coligados, mas encontra dificuldades para formar uma rede que os fortaleça enquanto associados.

De qualquer forma, a empresa arrecada o suficiente para funcionar. Acaba de renovar um contrato de 155 mil mudas de *Zantedeschias* – cada uma a R\$ 0,55 –, cobrindo o pagamento de 15 profissionais e os custos fixos. O copo-de-leite responde por 60% do faturamento. Uma fonte suplementar de renda seria a comercialização dos potes esterilizados para cultivo das mudas. Surge, então, um conflito pessoal: “Mexo com a ciência, mas também estou disputando mercado. Há uma contradição, já que a ciência pede que se divulgue o conhecimento adquirido. Mas fornecer o pote plástico barato, ajudando na competitividade do concorrente, é algo que ainda estou avaliando”, afirma Monique.

TESES DA SEMANA

Biologia – “Identificação e análise da expressão de genes tipo RGA em espécies de *Coffea* resistentes e susceptíveis ao nematóide *Meloidogyne exigua*” (mestrado). Candidata: Cintia Hotta Orsi. Orientador: professor Herculano Penna Medina Filho. Dia: 19 de março, às 14 horas, Sala de Defesa de Tese da Pós-Graduação do Instituto de Biologia.

“Biomarcadores de estresse oxidativo em fumantes crônicos e indivíduos portadores de insuficiência respiratória crônica (IRResC) durante oxigenoterapia domiciliar prolongada (ODP)” (doutorado). Candidata: Soraya El-Khatib. Orientadora: professora Denise Vaz de Macedo. Dia: 20 de março, às 14 horas, Sala de Defesa de Tese da Pós-Graduação do IB.

“Tolerância à toxidez de alumínio por leguminosas tropicais utilizadas em adubação verde” (mestrado). Candidato: Anderson Rotter Meda. Orientador: professor Pedro Roberto Furlani. Dia: 21 de março, às 14 horas, Sala de Defesa de Tese da Pós-Graduação do IB.

Estudos da Linguagem – “Referenciação e Construção do Ponto de Vista” (mestrado). Candidata: Suzana Leite Cortez. Orientadora: professora Ingeborg Grunfeld Villaça Koch. Dia: 17 de março, às 14 horas, Sala de Defesa de Teses.

“Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos” (doutorado). Candidata: Milena Ribeiro Martins. Orientadora: professora Marisa Philbert Lajolo. Dia: 20 de março, às 10 horas, Sala de Defesa de Teses.

Engenharia de Alimentos – “Uma análise exploratória da competitividade e agregação de valor da cadeia produtiva de carne bovina no Brasil, com ên-

fase no segmento de abate e processamento” (doutorado). Candidato: Ronaldo Perez. Orientador: professor José Antônio Dermengi Rios. Dia: 17 de março, às 14 horas, Salão Nobre - FEA.

“Ultrafiltração do Soro de Queijo Minas Frescal pré-tratado e Microfiltrado: Efeitos da vazão volumétrica e da pressão transmembrana no fluxo de permeado” (mestrado). Candidata: Patrícia Cecília Araújo Farro. Orientador: professor Luiz Antonio Viotto. Dia: 17 de março, às 9:30 horas, Salão Nobre - FEA.

“Influência da desnaturação térmica e do pH sobre as propriedades reológicas de proteínas do soro e sua compatibilidade termodinâmica com a xantana” (mestrado). Candidato: Angelo Luiz Fazani Cavallieri. Orientadora: professora Rosiane Lopes da Cunha. Dia: 18 de março, às 9 horas, Salão Nobre - FEA.

“Elaboração e caracterização de biofilmes a base de farinha de amaranto” (mestrado). Candidata: Delia Rita Tapia

Blácido. Orientadora: professora Flôrencia Cecília Menegalli. Dia: 19 de março, às 9:30 horas, Salão Nobre - FEA.

“Produção de Carotenóides Por Leveduras” (doutorado). Candidato: Iriani Rodrigues Maldonado. Orientadora: professora Adilma Regina Pippa Scamparini. Dia: 21 de março, às 14 horas, Anfiteatro do DEPAN/FEA.

Engenharia Mecânica – “Análise de Liberação de Energia em Motores Diesel Operando com Combustíveis Alternativos” (mestrado). Candidato: André Valente Bueno. Orientador: professor Luiz Fernando Milanez. Dia: 17 de março, às 14 horas, FEM - ID2.

“Sistema Especialista para o Forjamento a Quente de Precisão” (doutorado). Candidato: Ângelo Caporalli Filho. Orientador: professor Sergio Tonini Button. Dia: 17 de março, às 14 horas, Auditório de Tese do Bloco K.

Instituto de Física – “Ondas de Carga em Materiais Fotorrefrativos” (dou-

torado). Candidato: Marcelo Caldeira Barbosa. Orientadora: professor Jaime Frejlich. Dia: 20 de março, às 14 horas, Auditório da Pós-Graduação.

Matemática Estatística e Computação Científica – “Sobre a Conjectura de Nakai” (mestrado). Candidata: Paula Takatsuka. Orientador: professor Paulo Roberto Brumatti. Dia: 20 de março, às 11 horas, Sala 253 - IMECC.

Química – “Investigação de energias de ionização e intensidades vibracionais (IV) utilizando o modelo potencial simples” (doutorado). Candidato: Roberto Luiz Andrade Haiduke. Orientador: professor Roy Edward Bruns. Dia: 20 de março, às 14 horas, Auditório-IQ.

“Preparação, Caracterização e Aplicações do Material Celulose-Oxido de Zircônio” (doutorado). Candidato: Claudemir Adriano Borgo. Orientador: professor Yoshitaka Gushikem. Dia: 21 de março, às 14 horas, Auditório IQ (novo).

O resgate da banda que começou mambembe no sertão e deixou sua marca na música brasileira

Ecos dos pífanos de Caruaru

ANTONIO ROBERTO FAVA

fava@unicamp.br

Quando o guitarrista Carlos Eduardo Pedrasse, ainda garoto, ouviu um disco da Banda de Pífanos de Caruaru, não imaginava tratar-se do mais importante conjunto do gênero. Descobriria mais tarde que tinha em mãos uma obra preciosa à espera de estudos sérios, uma música genuína, original e de riqueza imensurável. “Essas pessoas estão envelhecendo. Logo vão parar de tocar ou morrer e um acervo cultural imenso será perdido e esquecido”, pensou. De tão envolvido pela sonoridade, estilo e técnica do conjunto, decidiu ele mesmo pesquisá-la.

As origens da banda não estão em Pernambuco, como sugere o nome, mas no sertão de Alagoas de 1924, quando Manoel Clarindo Bianco herdou do pai um tambor, um prato e dois pífanos. Escolheu a zabumba para tocar e transformou os filhos Sebastião e Benedito, com 5 e 11 anos de idade, nos pifeiros do grupo que percorreria os rincões dos dois estados, levando os instrumentos nas costas ou em lombo de animais. Quinze anos depois, a família Bianco fincou pé em Caruaru, capital do forró.

Ao morrer em 1955, Manoel Clarindo pediu aos filhos que seguissem a tradição dos antepassados. E Sebastião e Benedito reuniram seus filhos para formar a Banda de Pífanos de Caruaru.

Chamadas também de *cabaçal*, *esquenta-muié*, *quebreresguardo* e outros nomes, essas bandas trazem pífanos e instrumentos de percussão. “Não há instrumentos harmônicos, que fazem acordes”, explica Pedrasse. A de Caruaru é constituída de dois pífanos, caixa, zabumba e surdo. Seus toques sincopados e as melodias de atmosfera pastoril enriquecem dobrados, marchas, músicas de novena e missa, frevos e peças folclóricas. “Mas hoje temos bandas de pífanos que tocam até sucessos de rádio”, assinala o pesquisador, com certo conformismo.

A Banda de Pífanos de Caruaru brilhou nos anos 1970, alcançando enorme popularidade e marcando a música popular brasileira com uma obra importante sem que nenhum de seus integrantes conhecesse música. “Todos tocam de ouvido, ninguém pisou um conservatório, tal como os Beatles e veja o resul-

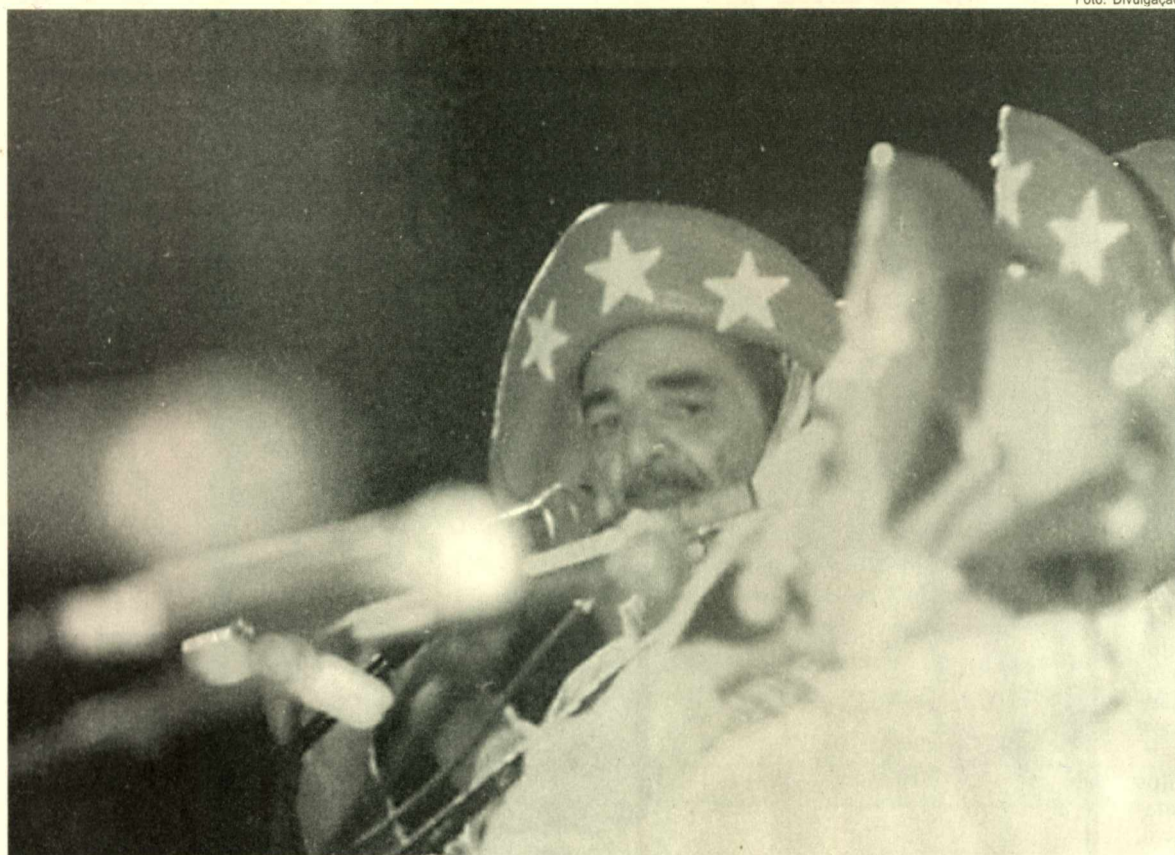


Foto: Divulgação

tado que a música deles alcançou”, compara.

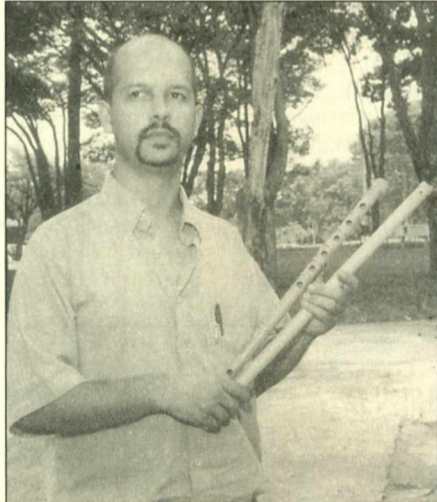
Sebastião Bianco assina a maioria do repertório. Fazia a melodia e a letra (se houvesse) e depois mostrava ao irmão Benedito, que “inventava” a outra linha de pífano. Sem tempo para ensaios, os percussionistas iam aprimorando os arranjos durante as apresentações, no embalo, sugerindo um breque aqui, outro ali. “Até hoje eles não gostam de ensaiar. Só passaram a fazer isso ao tocar composições de outros autores, mais recentemente”, observa Carlos Pedrasse.

Forró no rádio – Embora preserve o status de grupo mais tradicional do Brasil, a Banda foi um tanto descaracterizada. Cedeu a imposições das gravadoras a partir de 1982, gravando, por exemplo, forrós clássicos que as rádios tocam sem parar. “As dificuldades financeiras obrigaram a busca de mercados alternativos, tornando-a parecida com grupos comuns espalhados por aí”, avalia o guitarrista.

O último disco lançado, *Tudo isso é São João* (1999) tem apenas uma música de autoria da banda. A morte por infarto de Benedito Clarindo, aos 87 anos, em 17 de dezembro de 1999, em São

Paulo, contribuiu para que o conjunto perdesse muito de suas características melódicas e harmônicas. “A série de transformações incluiu instrumentos eletrônicos nas gravações, mas não procurando uma simbiose com o estilo dos pífanos e sim para dar a impressão de salão de forró”, resalta Pedrasse.

A Banda de Pífanos de Caruaru influenciou e contribuiu de modo significativo com a música popular brasileira, tendo obras gravadas por artistas consagrados como Gilberto Gil – a faixa *Pipoca Moderna* do disco *Expresso 2222* (1972) – e Caetano Veloso – disco *Jóia* (1975), música de mesmo nome com letra do compositor.



Carlos Pedrasse, autor da dissertação: “Os músicos da Banda de Caruaru estão envelhecendo e o acervo acabaria esquecido”

Fusão de ritmos

O pífano é tocado como uma flauta transversal, embora existam tipos para execução de frente como a flauta doce. Geralmente feito de taboca, um bambu mais fino e delicado, há quem o fabrique com canos de PVC ou mesmo canos de aço. Existem três tamanhos básicos – meia-regra para sons mais agudos, três-quartos usado pela Banda de Caruaru e regra-inteira para sons graves. A palavra pífano viria do alemão “pfeife”, “silffler” ou “pfeifer”: assovio ou sopro. Os instrumentos, sendo de construção artesanal e não-padronezados, produzem sonoridades também não padronizadas.

As condições naturais adversas e o atraso na chegada dos meios de comunicação fizeram com que o sertão conservasse muitas referências musicais trazidas pelos colonizadores portugueses no século 16, impregnadas da cultura medieval. Essas referências – somada a influência das músicas africanas e indígenas – foram transmitidas oralmente de geração em geração, chegando até o início do século 20. “Na música da Banda de Pífanos de Caruaru, não conseguimos identificar um ritmo tipicamente brasileiro, como o xote e o baião, mas uma fusão de muitos ritmos gerando outros que nem os integrantes do grupo sabem denominar”, explica o pesquisador Carlos Eduardo Pedrasse.

Pedrasse defendeu recentemente a dissertação de mestrado *Banda de Pífanos de Caruaru – Uma análise musical*, sob orientação do professor José Roberto Zan, do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) da Unicamp. Foram quatro anos de pesquisa, iniciadas em 1999 e desenvolvidas em São Paulo (onde os músicos da Banda residem) e em Caruaru, com financiamento da Fapesp.

Foto: Neldo Cantanti

UNICAMP NA IMPRENSA

▼ Estadão.com.br

12 de março - A água da chuva costuma ser considerada limpa, por ser naturalmente destilada no ciclo de evaporação e precipitação. Uma análise mais atenta de pesquisadores da Unicamp, porém, revelou que ela pode conter metais pesados, oriundos do material particulado em suspensão, “lavado” da atmosfera durante as chuvas, em regiões industrializadas ou urbanas.

10 de março - O ministro da Ciência e Tecnologia, Roberto Amaral, tem insistido na tese de que os recursos e o grosso dos investimentos em ciência estão concentrados no eixo Rio-São Paulo. Para o físico Carlos Henrique de Brito Cruz, reitor da Unicamp, a cen-

tralização da ciência restringe o desenvolvimento econômico e social do País inteiro.

▼ Correio Popular

12 de março - Mostra ‘O Feminino’ reúne objetos e curiosidades sobre mulheres famosas de Campinas a partir de hoje no Museu da Cidade. Para inaugurar a mostra, convidou a professora do Instituto de Artes da Unicamp, Marília de Andrade, para ministrar a palestra O Feminino nas Artes, sobre a participação das mulheres nas atividades artísticas.

12 de março - Artista plástica Fúlvia Gonçalves doa 174 desenhos que fazem importante registro da arquitetura de Campinas ao Centro de Memória da Unicamp.

13 de março - A Secretaria Estadual de Educação lança em maio o Bolsa-

Universidade, um programa inédito de financiamento de bolsas de estudo em faculdades e universidades particulares para cerca de 25 mil estudantes carentes formados em escolas estaduais. O Estado vem buscando formas de ajudar os alunos carentes, como a ampliação de vagas nas três universidades estaduais (USP, Unicamp e Unesp).

▼ Universia Brasil

12 de março - O Centro de Memória-Unicamp (CMU) e o Centro de Memória da Faculdade de Educação (FE) promovem, de hoje (12) a sexta-feira (14), o seminário “As múltiplas faces da memória - territórios e cenários das lembranças”.

▼ Folha de S. Paulo

12 de março - A Unicamp divulgou

hoje a terceira lista de aprovados no processo seletivo 2003.

9 de março - Líder de vendas, o cinto de segurança infantil é um acessório controverso. Apesar de ser a opção de quem não consegue manter os filhos na cadeirinha, ele é criticado pelos especialistas. Segundo Marcus Romaro, professor do curso de extensão universitária em segurança veicular da Unicamp e engenheiro da GM, num impacto, além da colisão do carro com o obstáculo e dos corpos das pessoas com o interior do carro, ocorre a colisão dos órgãos internos com a estrutura óssea.

▼ Agência Brasil

11 de março - Timbres e sonoridades não usuais é o que o público pode esperar do trio instrumental Guello, Dimos e André nesta terça-feira, às 21h, com entrada fran-

ca no teatro do Sesc Santo André (r. Tamara-taca, 302. Tel.: 4469-1200). Cello, viola de arco, percussão e piano são os instrumentos que se alternam em composições próprias, arranjos especiais e improvisações de três ferros da música contemporânea. Além do trio, integra a Orquestra Popular de Câmara e dá aulas de violoncelo no Departamento de Música da Unicamp.

▼ Jornal do Brasil

13 de março - O nível de emprego da indústria de transformação do Estado de São Paulo - a maior do país - ficou praticamente estável em fevereiro. É um resultado ridículo. Criar 75 vagas em São Paulo é nada. Mostra que o desemprego se mantém alto e só não aumentou mais por causa das exportações - disse Claudio Dedecca, economista e professor da Unicamp.

Aluno do IEL analisa técnicas para conquistar as donzelas desde a era medieval

O discurso da sedução

ANTONIO ROBERTO FAVA

fava@unicamp.br

Passa o tempo, mudam os hábitos, as atitudes, os argumentos e as técnicas de abordagem, mas a prática da sedução vem sendo aprimorada desde a antiguidade – hoje em dia, inova-se recorrendo à internet. Se antigamente não havia regras para o processo de sedução pelo homem, no medieval século 12 a nobreza começou a se preocupar com isso. É o que se constata em *Análise do Discurso do Sedutor*, trabalho de iniciação científica de Lucas Kiyoharu Sanches Oda, estudante de Letras do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), que analisou centenas de textos – romances, contos, poemas clássicos e letras de música.

“Atitudes e comportamentos de caráter sedutor ganham mais intensidade na era medieval, em virtude do descaramento sexual na corte e da verificação de que existiam muitos homens para poucas mulheres. Isso acabou criando uma ideologia própria por parte da Igreja e da nobreza da época, com o propósito, digamos, de regulamentar o processo de sedução”, explica Sanches Oda. Estabeleceu-se então o que se chamou de “amor cortês”, criação dos trovadores de Provença (sul da França), que depois se difundiu para o resto da Europa.

Hoje o galanteio se dá via internet

Os trovadores “detinham” o poder de seduzir seguindo as regras do *Tratado do Amor Cortês*, escritas por Andreas Capelannus: não poupavam elogios à amada e procuravam demonstrar como ela era pura; quase “morriam” só de ver tanta pureza e associavam a amada a elementos da natureza, vendo-a parecida com os passarinhos, a primavera e os riachos, expondo-a sob uma aura singela, quase aquela legada à Virgem Maria. “Dificilmente u’a mulher não se deixava sedu-



Lucas Oda (no destaque) e a sedução no século 12: regras para o “amor cortês”

Mais branca é do que o marfim, motivo por que lhe quero mais do que qualquer outra; se tão logo não conseguir a piedade do seu amor, morrerei, por São Gregório, a menos que consiga um beijo, em sua morada ou sob a ramagem

(Guilhem de Peitieu)

Tamanduás e tatus fazem Centopéias sem tabus fazem Façamos, vamos amar Os louva-deuses, com fé, fazem Dizem que bichos-de-pé fazem Façamos, vamos amar... Com seus ferrões, os zangões fazem Pulgas em calcinhas e calções fazem Façamos, vamos amar

(Façamos - Vamos Amar, de Cole Porter)

Já viste, minha Marília Avezinhas, que não façam Os seus ninhos no verão? Aquelas, com que se enlaçam Não vão cantar-lhes defronte Do mole pouco, em que estão? Todos amam: só Marília desta Lei da Natureza queria ter isenção?

(Maria de Dirceu, de Tomás Antonio Gonzaga)

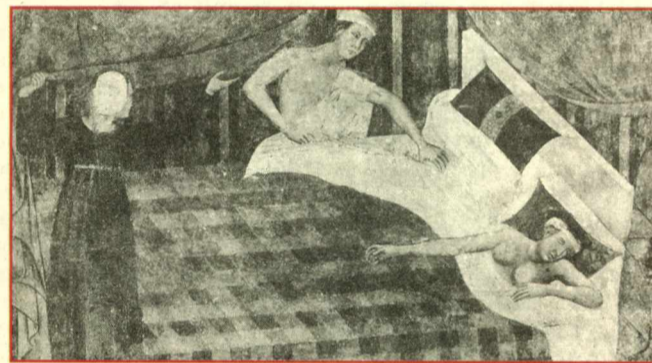


Foto: Neldo Cantanti

“Hoje, esses versos de Antonio Gonzaga soam de uma puerilidade espantosa, mas era o estilo da época”, lembra Lucas.

“Não podemos, hoje, dizer que existem regras específicas para a sedução, que ocorrem de acordo com uma ideologia”, acrescenta o estudante. Mas nota-se que, passado todo o período romântico, eventualmente o galanteador ainda usa cartas, documentos e outros recursos para seduzir uma donzela. Como um conhecido de Lucas Oda, que escreveu à moça que ela “é um cântaro produzido com um delicado e fino cristal, cujo conteúdo é de raríssima essência, de perfume que inebria, seduz e conquista”.

Contextos – Os mesmos argumentos de conquista e sedução podem ser verificados na música *Façamos (Vamos Amar)*, versão de *Let's do it (Let's fall in love)* de Cole Porter, interpretada por Chico Buarque e Elza Soares: “Os cidadãos / no Japão



fazem lá / na China um bilhão faz / façamos, vamos amar”. Lucas Oda explica que a música repete argumentos excessivamente usados, mas com novas imagens, em novas situações. Em outra música, *Caçada*, Chico canta: “Não conheço seu nome ou paradeiro / adivinho seu rastro e cheiro / vou armado de dentes e coragem / vou morder sua carne selvagem”.

“A sedução exige criatividade, inovação, se não fica completamente estagnada. Os desejos e as aspirações humanas vão se transformando constantemente

te e, com isso, modificam-se também o processo e o estilo de seduzir, acompanhando a evolução dos tempos”, afirma.

Hoje o homem adota como armas de conquista suas posses, o carro do ano, roupas de moda. “Ele não precisa falar muita coisa para seduzir a mocinha. Existem até guias de paquera encartados em revistas masculinas, contendo as mais curiosas argumentações de sedução”, observa Oda, concluindo que as cantadas, das arcaicas às contemporâneas, e nem sempre as mais inteligentes, sempre vão existir.

O MAIOR SHOWROOM DA REGIÃO ENTREGA E MONTAGEM GRATUITAS MELHOR PREÇO E TUDO EM ATÉ 10X ESTACIONAMENTO EXCLUSIVO



BOM GOSTO,
REQUINTE, DESIGN
E A SOLUÇÃO PARA
SUA DECORAÇÃO.

**CAMPINAS
SHOPPING
MÓVEIS**

Vantagens para seu lar.
Av. Moraes Sales, 1.575.